

A HISTÓRIA DA MINHA VIDA



Vamos inclinar nossas cabeças só um momento para oração.

Nosso bondoso Pai Celestial, realmente é um privilégio que temos de nos aproximar de Ti, nosso Deus e Salvador. Ouvindo este hino maravilhoso, *Quão Grande És Tu*, nos emociona, porque sabemos que Tu és grande. E rogamos que Tua grandeza nos seja manifestada de novo nesta tarde, enquanto falamos. E coube a mim, pela primeira vez em muitos anos, tentar voltar ao passado da vida, e rogo que me dês força e—e o que preciso, Senhor, para suportar esta hora. E que todos meus erros na vida somente sejam, para os outros, uma forma de se aproximarem de Ti. Concede, Senhor. Que os pecadores vejam as pegadas na areia do tempo e que sejam guiados a Ti. Estas coisas pedimos em Nome do Senhor Jesus. Amém.

Podem sentar-se.

² [O irmão Glover diz: “O irmão poderia orar por estes lenços antes de começar?”—Ed.] Será um prazer. [“Há *aqueles* e *estes* pelos quais orar.”] Sem dúvida, senhor, obrigado. Quanto a este santo homem, o irmão Glover, a quem conheço faz alguns anos, tive o privilégio de estar com ele um pouco ontem à noite. E ele me disse de . . . que tinha parado por um pouco, descansando. E agora, aos setenta e cinco anos, está voltando ao serviço do Senhor. Eu não estou cansado nem a metade do que estava antes de ouvir isso. Eu achava que estivesse cansado, mas eu—eu não creio que estou. Ele acabou de me colocar aqui alguns lenços, na—na forma de envelopes, etc., onde estão dentro e já fechados.

³ Agora, qualquer um de vocês em alcance de rádio, ou aqui, que deseje um destes lenços, e você desejaria . . . o Templo Angelus os envia constantemente, a qualquer tempo. Você poderia escrever para cá mesmo, para o Templo Angelus e orarão sobre ele, porque eu lhe garanto que é a Escritura. É uma promessa de Deus.

⁴ E se você quisesse que eu orasse sobre um lenço para você, ora, será um prazer fazer isso. Apenas me escreva à caixa postal 3-2-5, 325, Jeffersonville, escreve-se J-e-f-f-e-r-s-o-n-v-i, dois eles, e. Jeffersonville, Indiana. Ou se você não conseguir lembrar da caixa postal, escreva só “Jeffersonville.” É uma cidade pequena; população de mais ou menos trinta e cinco mil. Todos me conhecem aí. E assim seria um prazer orar sobre um lenço e mandá-lo para você.

⁵ E agora, temos tido grande êxito com isto, porque . . . Você receberá um carta com o lenço, que gente em todo o mundo ora cada manhã às nove horas, e ao meio dia e às três horas. E você pode imaginar, por detrás de todo o mundo, a que hora

da noite tem que se levantar para fazer esta oração. Por isso, se todos estes milhares e milhares e vezes milhares estão enviando orações a Deus naquele mesmo momento por este ministério, sua enfermidade, Deus simplesmente não pode rejeitar isso. E então, agora nós, como digo, não temos programas, não estamos querendo um centavo de dinheiro. Estamos apenas. . . Se pudermos ajudá-lo, é para isso que estamos aqui. E vamos. . .

Alguém está trazendo outro punhado de lenços.

⁶ Agora, se você não tem um lenço que queira enviar, bem, então escreva mesmo assim. Se você não o necessita no momento, guarde-o no Livro de Atos, na Bíblia, no capítulo 19. E será um tipo de uma fitinha branca que lhe será enviada, e as instruções de como confessar seus pecados primeiro. E (obrigado) como confessar seus pecados. Você nunca deve tentar receber nada de Deus sem primeiro estar certo com Deus. Está vendo? E então nisso você está instruído a chamar seu próximo e o seu pastor. Se você tem algo em seu coração contra alguém, vá acertar isso primeiro, e volte. E então ore, tenha um culto de oração em seu lar, e prenda este lenço com alfinete na sua roupa de baixo, então creia em Deus. E naquelas mesmas três horas, cada dia, haverá gente no mundo todo orando, uma corrente em todo o mundo.

⁷ E agora é seu, absolutamente grátis, apenas peça. E—e, agora, não vamos escrever-lhe para importuná-lo ou para dizer-lhe de algum programa que temos. Queremos que você apoie o programa, mas não—não temos nenhum para você apoiar. Você vê? Por isso você. . . Não é para conseguir seu endereço, é apenas boa vontade e um ministério do Senhor que estamos procurando levar avante.

⁸ Agora vamos inclinar nossas cabeças. E se você está no alcance de rádio, tenha o seu lenço aí, apenas coloque sua própria mão sobre ele enquanto oramos.

⁹ Senhor misericordioso, trazemos a Ti estes pacotinhos, talvez alguns pareçam ser pequenas vestes para um bebê, ou—ou alguma camisetinha, ou talvez um par de botinhas de tricô, ou—ou algo assim, um lenço, que irá ao doente e aflito. Senhor, é de acordo com Tua Palavra que fazemos isto. Pois lemos no Livro de Atos que levaram do corpo do Teu servo, Paulo, lenços e aventais, porque creram que Teu Espírito estava no homem. E espíritos imundos saíam das pessoas, e aflições e enfermidades os deixavam, porque criam. E agora, compreendemos, Senhor, que não somos São Paulo, mas sabemos que Tu ainda permaneces Jesus. E rogamos que Tu honres a fé deste povo.

¹⁰ E uma vez foi dito que quando Israel, tentando obedecer a Deus, tinha sido pego numa cilada, o mar diante deles, as montanhas de um lado e de outro, e o exército de Faraó aproximando-se. E alguém disse que “Deus olhou para baixo através daquela Coluna de Fogo, com olhos encolerizados, e o

mar se assustou e rolou para trás, e formou um caminho para Israel atravessar à terra prometida.”

11 Ó Senhor, olha para baixo de novo, quando estes pacotes forem colocados sobre os corpos enfermos em comemoração à Tua Palavra vivente. E que a enfermidade se assuste, olhe através do Sangue do Teu Filho, Jesus, o Qual morreu para esta expiação. E que o inimigo seja assustado e que se afaste, para que este povo possa entrar na promessa, que “acima de tudo,” que é o Teu desejo, “que prosperemos em saúde.” Concede-o Pai, porque nós o enviamos com essa—com essa atitude em nosso coração. E esse é nosso objetivo. Nós o enviamos em Nome de Jesus Cristo. Amém.

Obrigado, irmão Glover. Obrigado, senhor.

12 Agora, hoje à noite, sendo o fim desta parte do reavivamento, não sei se será transmitido pelo rádio ou não, mas eu gostaria de dizer (se não) à audiência de rádio, que esta tem sido uma das melhores reuniões que tive por muitos, muitos anos. Tem sido sólida, íntegra, a reunião mais amorosa e cooperativa em que tenho estado por muito tempo.

13 [Um irmão diz: “Estamos no ar até às quatro e quinze, irmão. E estão escutando o irmão por todo o sul de Califórnia, lá nas ilhas e nos navios. Recebemos recados deles. Desse modo o irmão tem uma audiência grande, milhares e milhares.”—Ed.] Obrigado, senhor. Isso é muito bom. Alegro-me em ouvir isso. Deus abençoe todos vocês.

14 E certamente sempre tive um lugar caloroso no coração pelo Templo Angelus, pela sua posição pelo Evangelho completo de Jesus Cristo. E agora, parece ser mais pessoal para mim agora. Parece que, depois de conhecer todos e ver o seu espírito fino, parece que sou mais de vocês do que antes. Deus os abençoe, é minha oração. E... [A audiência aplaude—Ed.] Obrigado encarecidamente.

15 Agora, foi anunciado que era para eu falar-lhes hoje um pouco sobre *A História da Minha Vida*. Isso é uma—uma coisa difícil para mim. Esta será a primeira vez que tenho tentado aproximar-me dela por muitos anos. E não teria tempo de entrar em detalhes, mas apenas parte dela. E aqui, tenho cometido muitos erros, feito muitas coisas que foram erradas. E eu desejo que vocês, no alcance do rádio, e vocês que estão presentes, que não tomem meus erros como pedras de tropeço, mas como pedras que os aproximem mais do Senhor Jesus.

16 Então, esta noite, os cartões de oração vão ser distribuídos para o culto de curas hoje à noite. Agora quando falamos de *culto de cura*, não quer dizer que vamos curar alguém, vamos “orar por alguém.” Deus cura. Ele tem sido muito misericordioso comigo, por responder orações.

17 E eu estava falando com o agente de um evangelista famoso aqui, há algum tempo, e—e foi perguntado por que

este evangelista não orava pelos enfermos. E o evangelista respondeu ao—ao diretor das minhas reuniões, disse: “Se...” Este evangelista crê em cura divina. Mas se ele começasse a orar pelos enfermos, interromperia o seu trabalho, porque ele é patrocinado por igrejas. Muitas igrejas e muitos deles não creem em cura divina.

¹⁸ De modo que tenho honra e respeito pelo evangelista porque ele está guardando o lugar dele, seu posto de dever. Ele poderia talvez... Eu nunca poderia tomar o lugar dele, e duvido que ele pudesse tomar o meu. Todos nós temos um lugar no Reino de Deus. Todos nós estamos unidos. Dons diferentes, mas o mesmo Espírito. Manifestações diferentes, quis dizer, mas o mesmo Espírito.

¹⁹ E, agora, esta noite o culto começará... Creio que foi dito que o culto musical começa às seis e meia. E, agora, se você estiver no alcance do rádio, venha para escutá-lo. É... Será bonito, sempre é.

²⁰ E então desejo dizer que os cartões de oração serão distribuídos imediatamente depois deste culto, logo que este culto seja encerrado, se você estiver aqui e quiser um cartão de oração. Fui instruído lá dentro, há pouco, meu filho ou o Sr. Mercier ou o Sr. Goad, eles estarão entregando cartões de oração. Permaneça em seu assento. Logo que o culto encerrar, permaneça em seu assento para que os moços possam passar pela fila e entregar os cartões de oração o mais rápido possível. Isso será na galeria ou no térreo, onde quer que seja, no andar de baixo ou onde quer que você esteja, permaneça em seu assento e os moços saberão que você está aqui para um cartão de oração. E então hoje à noite estaremos orando pelos enfermos. E se o Senhor não mudar meus pensamentos, quero pregar sobre o tópico, hoje à noite: *Se Nos Mostrares o Pai, Isso Nos Bastará*.

²¹ Agora desejo ler o texto desta tarde para começar a *História da Minha Vida*, encontrado no Livro de Hebreus, no capítulo 13, e vamos começar aqui mais ou menos... Eu diria com o versículo 12.

E por isso também Jesus, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta.

Saiamos... pois, a Ele fora do arraial, levando o seu vitupério.

Porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura.

²² Agora isso é um tipo de tema. Porque, veja, se for a história de uma vida, ou qualquer coisa com respeito a um ser humano, não glorificamos isso, e especialmente o passado de um—um homem, se foi tão escuro como o meu. Mas pensei, se lêssemos a Escritura, que Deus abençoaria a Escritura. E o meu pensamento é:

Que não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura.

23 Agora, sei que vocês gostam muito de Los Angeles. Vocês têm direito de gostar. É uma grande, bela cidade. Com sua poluição e outras coisas, ainda é uma cidade bela, clima bom. Mas esta cidade não pode continuar, tem que ter um fim.

24 Eu estive em Roma (onde os grandes imperadores) e as cidades que pensaram que construiriam imortais, e cavam seis metros para até mesmo encontrar as ruínas.

25 E estive onde os Faraós tiveram seus grandes reinos, e você cavaria o chão para encontrar onde os Faraós reinavam.

26 Todos nós gostamos de pensar em nossa cidade e nossa região. Mas, lembre-se, não pode permanecer.

27 Quando eu era menino, eu ia a um grande pé de bordo. Em minha terra temos muita madeira dura. E naquele tempo tínhamos este pé de bordo, o pé de bordo de açúcar, e o que chamamos “bordo duro” e “bordo branco.” Esta grande e gigantesca árvore, era a árvore mais linda. E quando eu vinha do campo, de trabalhar no feno e—e nas colheitas, eu gostava demais de ir à esta grande árvore e—e sentar debaixo dela e—e olhar para cima. E eu via seus grandes e fortes galhos balançar no vento, enorme tronco. E eu disse: “Sabe, creio que esta árvore estará aqui centenas e centenas de anos.” Não faz muito tempo eu vi a velha árvore, é apenas um toco.

28 “Porque não temos aqui cidade permanente.” Não, nada aqui na terra que você pode ver continuará. Tem que ter um fim. Tudo o que é mortal tem que entregar-se a uma imortalidade. Por isso, não importa quão bem construídas façamos nossas estradas, quão boa seja nossa arquitetura, tudo tem que terminar, porque aqui não há nada que possa continuar. Apenas o Invisível é o que continua.

29 Eu me lembro da casa em que moramos. Era uma velha casa de tronco tapada de barro nas fendas. Eu . . . Talvez muitos nunca viram uma casa tapada de barro. Mas era toda tapada de barro nas fendas, e os enormes troncos que estavam na velha casa, eu achava que aquela casa permaneceria em pé centenas de anos. Mas, sabe, hoje onde aquela casa estava tem um projeto de habitação. É tão diferente. Tudo está mudando. Mas . . .

30 E eu via meu pai, ele era um homem bem baixo, atarracado, muito forte, e era um dos baixinhos mais fortes de que eu tinha conhecimento. Conheci o Sr. Coots, um homem com quem ele trabalhava na mata, ele era madeireiro, e mais ou menos há um ano, e o Sr. Coots é muito amigo meu e diácono da Primeira Igreja Batista, e ele disse: “Billy, você deve ser um homem muito forte.”

Eu disse: “Não, não sou, Sr. Coots.”

31 Ele disse: “Se você puxou pelo seu pai, você é.” Disse: “Eu vi aquele homem, pesando sessenta e quatro quilos, colocar uma tora na carroça sozinho, que pesava quatrocentos e oito quilos.” Ele sabia como fazer isso. Era forte. Eu o via entrar para lavar-se e aprontar-se para o jantar, quando minha mãe o chamava.

32 E nós tínhamos uma velha macieira no jardim da frente, e então havia três ou quatro pequenas na parte de trás. E bem na árvore do meio, havia um velho espelho que estava quebrado, espelho grande. E estava pregado no lado da árvore com alguns pregos entortados. Mais ou menos o que alguns de vocês carpinteiros, escutando, chamariam de “cabide de pendurar casaco.” Tinha sido entortado para segurar o espelho no lugar. E havia um velho pente de estanho. Quantos já viram um velho pente . . . o antigo pente de estanho? Posso até vê-lo.

33 E então havia uma pequena tábua de lavar roupa, uma tábua pequena com uma perna inclinada debaixo dela, pregada na árvore. Uma pequena, velha bomba com metade feita de enxofre aí, da qual bombeávamos água, e nos lavávamos nesta velha árvore. E mamãe tomava sacos de farinha e fazia toalhas. Alguém já usou uma toalha de saco de farinha? Pois, tenho certeza que me sinto em casa agora. E aquelas grandes, velhas toalhas ásperas! E quando ela dava banho em nós, crianças, ela . . . parecia que ela estava arrancando a pele cada vez que ela nos esfregava. E me lembro daquele velho saco de farinha. E ela puxava alguns dos fios e fazia franjas pequenas, para decorá-lo um pouco.

34 Quantos já dormiram numa cama de palha? Pois eu—eu vou lhe dizer! Quantos sabem o que era um travesseiro de palha? Pois, irmão Glover, estou em casa agora, sem dúvida! Cama de palha, ora, não faz muito tempo que deixei de usar uma, e era . . . Oh, é—é boa para dormir, fresca. Então no inverno eles tomavam a velha cama de penas e deitavam nela, você sabe, e então tinham que pôr um pedaço de lona em cima de nós porque a neve soprava pelas—as—as frestas da casa, você sabe, onde as velhas telhas de madeira entortavam para cima, você sabe, e a neve entrava por elas. E, oh, posso me lembrar disso muito bem.

35 E então papai tinha um pincel de barba. Eu . . . Agora isto vai lhe surpreender. Era feito de palha de milho, um pincel de barba com palha de milho. Ele tomava o velho sabão de cinza que mamãe fazia, aprontava e punha no rosto com este pincel de palha de milho, e fazia a barba com uma navalha grande, velha. E aos domingos ele tomava os—os pedaços de papel, punha em volta da gola dele, usava-se golas de celuloide, e punha em volta da gola, deste jeito, para não deixar a—a espuma cair na gola da camisa. Você já viu fazerem isso? Pois, que coisa!

36 Eu me lembro de uma velha fontezinha lá embaixo, onde tomávamos água, e pegávamos nossa água com uma velha concha

de cabaça. Quantos já viram uma concha de cabaça? Pois, quantos de vocês são de Kentucky, afinal? Sim, ora, olhe só aqui os de Kentucky. Pois, que coisa, eu—eu estou bem em . . . Pensei que fossem só os de Oklahoma e Arkansas aqui, mas parece que Kentucky está mudando para cá. Pois, descobriram petróleo em Kentucky há poucos meses, você sabe, por isso, talvez esses sejam alguns deles vindo para cá.

³⁷ E então me lembro de quando papai vinha para dentro e se lavava para o jantar, ele enrolava as mangas e aqueles braços pequenos e atarracados. E quando levantava os braços para lavar-se, jogar água no rosto, aqueles músculos formavam uma bola em seus pequenos braços. E eu disse: “Sabe, meu pai viverá até completar cento e cinquenta anos.” Ele era tão forte! Mas ele morreu com cinquenta e dois. Percebeu? “Não temos aqui cidade permanente.” Isso mesmo. Não podemos continuar.

³⁸ Agora, vamos fazer uma pequena viagem, todos nós. Cada um de vocês aqui tem uma história da sua vida, assim como eu, e é bom passear pela avenida da lembrança de vez em quando. Não acha? Volte, e vamos todos voltar por um pouco, de volta às experiências semelhantes como de crianças.

³⁹ E agora, a primeira parte da história da minha vida. Vou tocar nela só um pouco, porque está no livro, e muitos de vocês têm o livro.

⁴⁰ Nasci numa pequena cabana nas montanhas, lá nas montanhas de Kentucky. Eles tinham um cômodo no qual morávamos, sem tapete, nem sequer madeira no chão, era apenas chão descoberto. E um toco, parte de cima de um toco cortado com três pernas nele, essa era nossa mesa. E todos aqueles pequenos Branhams se amontoavam aí em volta, e em frente da pequena e velha cabana, e rolavam, parecia onde um bando de gambás tinha estado rolando lá fora no pó, você sabe, todos os irmãozinhos. Éramos em nove e uma menininha, e ela ficava em situação difícil mesmo entre aquele grupo de meninos. Temos que respeitá-la, ainda hoje, das coisas que fazíamos naqueles dias. Ela não podia ir conosco à parte alguma, nós a mandávamos de volta, ela era menina. Assim que ela não podia conosco, você sabe. Assim, tínhamos . . . E todos . . .

⁴¹ Eu me lembro que atrás da mesa só tínhamos duas cadeiras, e eram feitas de casca de galhos finos. Galhos de noqueira velha colocadas juntas, e a base delas entrelaçada com casca de noqueira. Alguém já viu uma cadeira de casca de noqueira? Sim. E ainda posso ouvir mamãe. Oh, mais tarde quando mudamos para um lugar onde ela podia ter chão de madeira, com aqueles nenês no colo *assim*, e balançando aquela velha cadeira, pam, pam, pam no chão. E me lembro de não deixar os pequenos saírem da porta quando ela estava lavando roupa ou algo assim, ela deitava uma cadeira e virava meio de canto na porta para não

deixar os pequenos sair quando ela tinha que ir à nascente para buscar água, etc.

⁴² E mamãe tinha quinze anos quando eu nasci, papai tinha dezoito. E fui o primeiro dos nove filhos. E me contaram que na manhã em que nasci . . .

⁴³ Agora, éramos muito pobres, os mais pobres dos pobres. E nem sequer tínhamos uma janela nesta pequena cabana. Tinha como se fosse uma portinhola de madeira que você abre. Duvido que você já viu uma coisa assim. Uma portinhola de madeira que abria em vez de janela, você a deixa aberta durante o dia e a fecha à noite. Não podíamos ligar a luz elétrica e nem queimar querosene naqueles dias; tínhamos o que se chama de “lâmpião de gordura.” Agora, não sei se você sabe o que era um lâmpião de gordura. Pois, o que você . . . E você já comprou . . . queimou uma pinha? Tome uma pinha e acenda e coloque-a sobre uma tampa, ela queimarão. E isso . . . fazia um pouco de fumaça, mas de qualquer modo, não tinham móveis para encher de fumaça. Assim . . . a cabana enchia de fumaça. Puxava bem a fumaça porque havia telhado suficiente aí em cima para ela passar. Assim . . .

⁴⁴ E nasci dia 6 de abril de 1909. Claro, você sabe, isso quer dizer que tenho um pouco mais de vinte e cinco agora. E assim, na manhã em que eu nasci, mamãe disse que eles abriram a janela. Agora, não tínhamos médico, havia uma parteira. Só . . . E essa parteira era minha avó. E assim quando nasci e comecei a chorar, e—e mamãe queria ver seu filho. E—e ela mesma não era mais do que uma criança. E quando abriram a janelinha, bem ao amanhecer, mais ou menos às cinco horas. E o . . . Havia um velho sabiá sentado ao lado de um arbusto pequeno. Como todos vocês viram a fotografia disso em—em meu livro da história da minha vida. Um velho sabiá estava assentado aí cantando com tudo o que tinha.

⁴⁵ Sempre gostei de sabiás. Agora, vocês meninos aí no alcance do rádio, não atirem em meus passarinhos. Veja, são—são—são . . . São meus passarinhos. Já ouviu a lenda do sabiá, de como ele ganhou seu peito avermelhado? Vou parar aqui um momento. Como ele ganhou seu peito avermelhado . . . Havia o Rei dos reis que estava morrendo um dia na Cruz, e estava sofrendo e ninguém vinha a Ele. Não tinha ninguém para ajudá-Lo. E havia um passarinho marrom que queria tirar aqueles pregos da Cruz e ele voava até à Cruz e dava puxões naqueles pregos. Ele era muito pequeno para tirá-los, e sujou todo seu peitinho de vermelho, com sangue. E desde então seu peito tem sido avermelhado. Não atirem nele, meninos. Deixem-no em paz.

⁴⁶ Ele estava sentado ao lado da janela, cantando como os sabiás cantam. E—e papai empurrou a janela para abrir. E quando a portinha da janela abriu, aquela Luz que você vê na

fotografia entrou girando pela janela, diz minha mãe, e pairou sobre a cama. Vovó não sabia o que dizer.

47 Agora, somos . . . não éramos uma família religiosa. Meu povo é católico. Sou irlandês dos dois lados. Meu pai é estritamente irlandês, Branham. Minha mãe é Harvey; só que seu pai se casou com uma índia cherokee, assim que, isso quebrou a linhagem do sangue irlandês. E papai e mamãe não iam à igreja, e se casaram fora da igreja e não tinham religião alguma. E lá longe nas montanhas nem sequer havia uma igreja católica. Assim eles vieram dos colonos no começo, dois Branhams vieram, e daí procedeu a inteira geração dos Branhams; é a genealogia da família.

48 E então ela abriu . . . Quando abriu essa janela e esta Luz ficou parada aí dentro, eles não souberam o que fazer. Papai tinha comprado (mamãe disse) um macacão novo para este acontecimento. Ele estava de pé com os . . . seus braços no peitilho do antigo macacão, como os lenhadores e madeireiros usavam naqueles dias. E ela os assustou.

49 Pois bem, depois que eu tinha dez dias, ou mais ou menos isso, eles me levaram à uma igrejazinha batista chamada “Reino do Gambá,” Igreja Batista do Reino do Gambá. É um nome e tanto. Havia um velho pregador itinerário. O antiquado pregador batista passava por aí mais ou menos uma vez a cada dois meses. Em . . . O povo tinha um pequeno culto, eles cantavam uns hinos, mas tinham culto de pregação de vez em quando com o pregador itinerante. Eles o pagavam todo ano com um saco de abóboras e umas coisinhas assim, sabe, que o povo plantava para dar para ele. E o velho pregador passou por aí e ofereceu oração por mim quando menininho. Essa foi a primeira vez que fui à igreja.

50 À idade de mais ou menos . . . por volta de um pouco mais de dois anos, a primeira visão aconteceu.

51 Pois, eles contaram lá pelas montanhas que certa Luz veio. Assim, eles tentaram compreendê-la. Alguns disseram que havia sido a luz do sol refletindo num espelho dentro da casa. Mas não havia espelho lá dentro. E o sol não tinha saído, pois era muito cedo, cinco horas. E então, oh, não fizeram caso Dela. E quando eu tinha uns . . . suponho que tinha uns três anos . . .

52 Agora, eu tenho que ser honesto. Há coisas aqui que não gosto de dizer, e gostaria de ignorá-las e não ter que dizê-las. Mas ainda, para dizer a verdade, você tem que dizer a verdade mesmo que seja sobre você ou do seu pessoal. Seja honesto quanto a isso, e então é sempre a mesma coisa.

53 Meu pai estava longe de ser uma pessoa religiosa. Ele era moço típico das montanhas que bebia constantemente, todo o tempo. E ele tinha entrado em apuros numa briga, e dois ou três homens quase morreram enquanto brigavam, atiravam, e se cortavam com facas, num tipo de festa lá nas montanhas. E papai

tinha sido um dos cabeças desta briga, porque houve um amigo dele que tinha se machucado, e tinha batido em alguém com uma cadeira. E tinha . . . O homem tinha uma faca na mão e ia cortar o amigo do papai no chão com esta faca, no coração, e papai o defendeu. E realmente deve ter sido uma briga terrível, porque eles, até lá a Burksville, de muitos quilômetros de distância, mandaram um xerife para lá em busca de papai, à cavalo.

⁵⁴ Assim que o homem estava à beira da morte. Talvez haja alguns da família dele escutando. Vou dizer o nome dele, Will Yarbrough era o nome dele. Eles provavelmente . . . Creio que alguns deles estão na Califórnia, dos filhos dele. Mas ele era um valentão, homenzarrão forte, matou seu próprio filho com um mourão de cerca. Assim, ele—ele era um homem muito forte e mau. E então, houve uma grande briga de faca entre ele e papai. E meu pai quase matou o homem, por isso ele teve que fugir e sair de Kentucky e atravessar o rio para Indiana.

⁵⁵ E ele tinha um irmão que morava, naquele tempo, em Louisville, Kentucky, era o superintendente assistente das Serralherias de Madeira Mosaica em Kentucky, em Louisville. E assim papai veio encontrar seu irmão mais velho. Papai era o mais novo dos filhos, de dezessete filhos. E assim ele veio encontrar seu irmão mais velho, e enquanto ele estava lá por quase um ano. Ele não podia voltar porque a lei o estava buscando. E então quando tivemos notícias dele por carta, assinada com outro nome, mas ele tinha dito à mamãe como seria que ela teria notícias dele.

⁵⁶ E então me lembro de um dia a nascente (esta cabana pequena) ficava bem atrás da casa. E—e durante aquele tempo depois de . . . Há nove . . . onze meses de diferença entre eu e meu irmão mais novo, e ele ainda estava engatinhando. E eu tinha uma pedra grande na mão, e eu estava tentando mostrar quão forte eu podia atirar esta pedra na velha lama, de onde a nascente tinha corrido no chão e formado um lamaçal. E ouvi um pássaro, e estava cantando em cima de uma árvore. E olhei para aquela árvore e o pássaro voou, e, quando voou, uma Voz falou comigo.

⁵⁷ Agora, sei que você acha que eu não poderia pensar e lembrar-me disso. Mas o Senhor Deus, o Qual é Juiz, a terra e céus e tudo o que há, sabe que estou dizendo a verdade.

⁵⁸ Aquele pássaro, quando voou, uma Voz veio de onde o pássaro estava na árvore, como um vento enroscado no arbusto, e Ela disse: “Você viverá perto de uma cidade chamada New Albany.” E tenho vivido, desde o tempo que tinha três anos até agora, dentro de cinco quilômetros de New Albany, Indiana.

⁵⁹ Eu entrei e contei para minha mãe sobre isso. Ora, ela pensou que eu tivesse sonhado ou algo assim.

⁶⁰ E mais tarde nos mudamos para Indiana e papai foi trabalhar para um homem, o Sr. Wathen, um homem rico. Ele é dono

das Destilarias Wathen. E ele possuía grandes ações. Ele é um multimilionário, com os Louisville Colonels e—e, beisebol, etc. E então morávamos aí perto. E papai sendo pobre, todavia não podia ficar sem beber, então ele—ele começou a fazer uísque num—num alambique.

⁶¹ E então isso foi um sofrimento para mim porque eu era o mais velho dos filhos. Eu tinha que ir carregar água para esse alambique, para conservar aqueles tubos em espiral frios enquanto faziam o uísque. Então ele começou a vender, e então consegui dois ou três daqueles alambiques. Agora, essa é a parte que não gosto de contar, mas é a verdade.

⁶² E me lembro de um dia estar vindo do estábulo para casa, chorando. Porque lá atrás desse lugar havia uma lagoa, ela . . . onde eles cortavam gelo. Muitos de vocês se lembram de quando cortavam gelo e o colocavam em serragem. Pois, era assim que o Sr. Wathen guardava gelo lá no campo. E papai era um—um chofer dele, um chofer particular. E quando a . . . esta lagoa estava cheia de peixes e quando começavam a cortar o gelo e trazê-lo para dentro e colocá-lo na serragem, então quando o gelo derretia no verão, enquanto baixava, era meio limpo, suponho, mais como o gelo dum lago, e podiam usá-lo, não para beber, senão para manter a água fria, pôr em volta dos seus baldes e seu leite, etc.

⁶³ E um dia carregando água desta bomba, a qual ficava mais ou menos a um quarteirão. Eu estava reclamando até não poder mais, porque eu tinha vindo da escola e todos os meninos tinham ido à lagoa pescar. Eu gostava demais de pescar. Então todos foram pescar, menos eu, e eu tinha que carregar água para esse alambique. Claro, que coisa, isso tinha que ser em silêncio, era proibido. E eu . . . Era um sofrimento. E me lembro de passar por ali com um dedo do pé machucado de tropeçar, e tinha um sabugo amarrado debaixo do meu dedo para conservá-lo fora do pó. Você já fez isso? Apenas ponha um sabugo debaixo do seu dedo *assim* e amarre um cordão nele. Isso segura o seu dedo bem para cima quase como cabeça de tartaruga, você sabe, esticada para cima. Você podia seguir meu rastro por toda parte que eu ia, com este sabugo debaixo do dedo que tropecei, você sabe. Eu não tinha sapatos para usar. Assim que nunca usávamos sapatos, às vezes até à metade do inverno. Se usávamos, nós . . . era só o que podíamos conseguir, o que alguém nos dava. E roupas que alguém, caridade nos dava.

⁶⁴ E parei debaixo dessa árvore, e estava sentado aí só reclamando (foi em setembro) porque queria ir pescar, eu tinha que carregar vários barris de água com baldes pequenos de melado, mais ou menos *desta* altura, dois litros, porque eu ainda era menino de uns sete anos. E os despejava num barril grande e então voltava e pegava mais dois baldes e voltava, bombeando a água. Essa era a água que tínhamos. E iam fazer uma porção

de uísque de milho aquela noite, estes homens com papai, lá em casa.

⁶⁵ E eu estava chorando, e subitamente ouvi algo fazendo um barulho como um redemoinho de vento, algo assim (agora espero que não seja muito alto), fazendo: “Vuuuummm, vuuuummm,” um barulho assim. Pois, tudo estava muito quieto, e olhei por todos os lados. E sabe de uma coisa, um pequeno redemoinho de vento, creio que o chamam de pequeno ciclone? No outono do ano passam pelos campos de milho, você sabe, as folhas, etc., no outono aí, as folhas estão começando a mudar de cor. E eu estava debaixo de um grande pé de choupo branco, ficava mais ou menos na metade do caminho entre o estábulo e a—a casa. E ouvi aquele barulho. E olhei em volta, tudo estava tão quieto como neste salão. Nenhuma folha soprando em parte alguma, ou nada. E pensei: “De onde está vindo esse barulho?” Bem, pensei: “Tem que estar longe daqui.” Ainda menino. E ficou mais e mais alto.

⁶⁶ Apanhei meus pequenos baldes e reclamei mais umas duas vezes e comecei a ir na trilha, eu estava descansando. E cheguei a poucos pés daquilo, saindo de debaixo dos ramos desta árvore grande, e, oh, que coisa, fez o barulho de um redemoinho. E eu me virei para olhar, e mais ou menos no centro daquela árvore havia outro redemoinho enroscado naquela árvore só girando e girando, mexendo aquelas folhas. Pois, pensei que não havia nada de estranho com isso porque era aquele tempo do ano, e o outono, ora, esses redemoinhos vêm. Pequenos. . . Nós chamamos de “redemoinhos de vento”. E eles—e eles levantam pó. Você já viu no deserto desse jeito. A mesma coisa. Assim, observei, mas não foi embora. Normalmente é só um sopro por um momento, então vai embora, mas já estava ali dois minutos ou mais.

⁶⁷ Pois, eu comecei a ir na trilha de novo. E me virei para dar uma olhada nisso outra vez. E quando girava, uma Voz humana tão audível como a minha, disse: “Nunca beba, nem fume, nem corrompa seu corpo de maneira alguma. Haverá uma obra para você fazer quando ficar mais velho.” Ora, isso quase me matou de susto! Você pode imaginar como um menino se sentiu. Larguei aqueles baldes e fui para casa o mais rápido que podia, berrando.

⁶⁸ E havia cabeça-de-cobre naquela região, cobras, e são muito venenosas. Mamãe pensou que, vindo ao lado da horta eu talvez tivesse pisado numa cabeça-de-cobre e ela correu ao meu encontro. E pulei nos braços dela, gritando, abraçando-a e beijando-a. E ela disse: “O que você tem, uma cobra picou você?” Ela me olhou de cima a baixo.

Eu disse: “Não, mamãe! Há um homem naquela árvore lá embaixo.”

⁶⁹ E ela disse: “Ora, Billy, Billy! Que é isso!” E ela disse: “Você parou e deu uma dormida?”

70 Eu disse: “Não, senhora! Há um homem naquela árvore, e Ele me disse que não bebesse e não fumasse.”

71 “Beber uísque e—e coisas assim.” E eu estava carregando água a um alambique clandestino, naquela mesma hora. E Ele disse: “Nunca beba nem corrompa seu corpo em maneira alguma.” Isso é ser imoral, você sabe, e meu filho. . . moços com mulheres. E que eu saiba, nem uma vez fui culpado de tal. O Senhor me ajudou nessas coisas, e à medida que eu continuar você vai descobrir. Assim então: “Não beba nem fume, nem corrompa seu corpo, porque haverá uma obra para você fazer quando tiver mais idade.”

72 Pois, eu disse isso à mamãe, e—e ela riu de mim. E eu estava histérico. Ela chamou o médico, e o médico disse: “Pois, ele só está nervoso, só isso.” Assim ela me pôs na cama. E eu nunca, desde aquele dia até hoje, nunca passei por aquela árvore outra vez. Eu tinha medo. Descia pelo outro lado da horta, porque eu achava que havia um homem naquela árvore e Ele estava falando comigo, Vozeirão que falou.

73 E então mais ou menos um mês depois disso, eu estava jogando bola de gude com meus irmãozinhos, no pátio da frente. E subitamente senti algo estranho vir sobre mim. E parei e me sentei ao lado de uma árvore. E estávamos bem em cima na margem do Rio Ohio. E olhei para baixo em direção a Jeffersonville, e vi uma ponte levantar-se e atravessar aquele, o rio, passar sobre o rio. E vi dezesseis homens (eu os contei) que caíram daí e perderam suas vidas naquela ponte. Corri para dentro bem depressa e contei para minha mãe, e ela pensou que eu tivesse dormido. Mas não esqueceram, e vinte e dois anos desde aquele tempo a Ponte Municipal agora (que muitos de vocês atravessam quando passam aí) atravessou o rio naquele mesmo lugar, e dezesseis homens perderam a vida construindo aquela ponte sobre o rio.

74 Nunca falhou de ser perfeitamente a verdade. Como você O vê aqui no auditório. Tem sido sempre assim.

75 Agora, pensaram que eu fosse apenas nervoso. O que, eu sou uma pessoa nervosa, é verdade. E, se você já notou, pessoas que são—são inclinadas a serem espirituais são nervosas.

76 Veja os poetas e profetas. E veja William Cowper que escreveu aquele hino famoso: “Há uma fonte cheia de Sangue tirado das veias de Emanuel.” Você já. . . Conhece o hino. Eu estive ao lado da sua sepultura não há muito tempo. O irmão Julius, creio, não sei, não. . . sim, isso mesmo, esteve conosco lá na sua sepultura. E—e aí, depois que ele tinha escrito esse hino, a inspiração saiu dele, ele tentou achar o—o rio para suicidar-se. Veja, o Espírito tinha saído dele. E pessoas como poetas e autores e. . . ou não. . . quero dizer profetas.

⁷⁷ Veja Elias, quando ele estava na montanha e invocou fogo do céu e invocou chuva do céu. Então quando o Espírito saiu dele, fugiu por causa da ameaça de uma mulher. E Deus o encontrou escondido numa caverna, quarenta dias depois.

⁷⁸ Veja Jonas, com bastante inspiração quando o Senhor o tinha ungido para pregar lá em Nínive, a ponto de uma—uma cidade do tamanho de Saint Louis se arrepender com saco. E então quando o Espírito saiu dele, que aconteceu-lhe? Nós o achamos em cima da montanha depois que o Espírito saiu dele, orando a Deus para tirar sua vida. E, veja, é inspiração. E quando estas coisas acontecem, isso—isso mexe com você.

⁷⁹ Então me lembro de crescer. Tornei-me jovem. (Vou me apressar para terminar dentro em pouco.) Quando me tornei moço, tinha ideias como todos os jovens. Eu... estudando, encontrei aquelas mocinhas. Sabe, eu era muito tímido, você sabe. E eu—eu finalmente consegui uma namoradinha. E como todos os mocinhos, de mais ou menos quinze anos, creio. E—e assim, ah, ela era bonita. Que coisa, ela tinha olhos de pomba, e tinha dentes como pérolas, e pescoço de cisne, e ela—ela era muito bonita.

⁸⁰ E outro mocinho, ele... éramos colegas, assim ele conseguiu o velho Ford modelo T do seu pai, e conseguimos um encontro com nossas moças. E íamos levá-las para passear. Tínhamos o bastante para comprar oito litros de gasolina. Tínhamos que levantar a roda de trás para dar partida com a manivela. Não sei se você se lembra disso ou não, sabe, usar a manivela. Mas nós—nós estávamos indo muito bem.

⁸¹ E então, eu tinha umas moedas de cinco centavos no bolso, e paramos num lugarzinho e compramos... você podia comprar sanduíche de presunto por cinco centavos. E assim, ah, eu estava rico, eu podia comprar quatro! Entende? E depois que tínhamos comido os sanduíches e bebido as coca-colas, fui levar as garrafas de volta. E para a minha surpresa, quando vim (as mulheres tinham começado a cair da graça naquele tempo, ou da feminilidade) minha pombinha estava fumando cigarro.

⁸² Pois, sempre tive minha opinião sobre uma mulher que teria coragem de fumar um cigarro, e não mudei nem um pouco desde aquele tempo. Isso mesmo. É a coisa mais baixa que ela poder fazer. E é exatamente isso. E eu—eu pensei que eu... Agora, a companhia de cigarros poderia vir atrás de mim por causa disto, mas, digo que não passa de uma proeza do diabo. É o maior matador e sabotagem que esta nação tem. Preferiria que meu filho fosse bêbado que fumante. É a verdade. Preferiria ver minha esposa caída no chão, bêbada, que vê-la com um cigarro. É assim que... .

⁸³ Agora, este Espírito de Deus que está comigo, se Esse é o Espírito de Deus (como você poderia perguntar), você fumando

cigarros tem uma chance escassa quando chegar lá, porque isso só . . . cada vez. Você nota na plataforma, como Ele condena isso. É uma coisa horrível. Mantenha-se longe disso. Senhoras, se são culpadas disso, por favor, em Nome de Cristo, afastem-se disso! Isso as arruína. Isso matará vocês. Isso . . . é um—é um vagão cheio de câncer.

⁸⁴ Os médicos tentam advertir-lhe. E então como podem vender esse negócio para você! Se você fosse à farmácia e dissesse: “Comprar . . . quero comprar cinquenta centavos de câncer.” Ora, viriam fechar suas portas. Mas quando você compra cinquenta centavos de cigarros, você está comprando a mesma coisa. Médicos assim dizem. Oh, esta nação louca por dinheiro. É uma pena. É um matador. Foi provado.

⁸⁵ Pois, quando vi aquela mocinha bonita portando-se errado, esse cigarro na mão, me deixou desapontado, porque eu achava que a amava de verdade. E pensei: “Pois . . .”

⁸⁶ Agora, sou chamado de “detestador de mulheres,” vocês sabem disso, porque sempre sou meio contra mulheres, mas não contra vocês, irmãs. Sou contra o jeito que as mulheres modernas se portam. Isso mesmo. Boas mulheres devem ser incentivadas.

⁸⁷ Mas posso me lembrar de quando o alambique de meu pai funcionava lá. Eu tinha que estar lá com água e outras coisas, via moças que não tinham mais de dezessete, dezoito anos, lá com homens da minha idade agora, bêbadas. E tinham que desembriagá-las e dar-lhes café puro para irem para casa fazer o jantar para seus maridos. Oh, algo assim, eu dizia: “Eu . . .” Este era meu comentário então: “Elas não valem uma boa bala limpa para matá-las.” É isso mesmo. E eu odiava mulheres. Isso mesmo. E só tenho que ter cuidado com cada atitude agora, para evitar pensar a mesma coisa.

⁸⁸ Assim, mas agora, uma boa mulher é uma joia na coroa de um homem. Ela deve ser honrada. Ela . . . Minha mãe é uma mulher, minha esposa é, e elas são adoráveis. E tenho milhares de irmãs cristãs a quem respeito muito. Mas se—se elas puderem respeitar como Deus as fez para serem mães e verdadeiras rainhas, está bem. Ela é uma das melhores coisas que Deus poderia dar para um homem, é uma esposa. Além da salvação, uma esposa é a melhor coisa, se for boa esposa. Mas se não for, Salomão disse: “Uma boa mulher é uma joia na coroa de um homem, mas uma—uma ruim ou que não é boa, é água no sangue dele.” E é isso, é a pior coisa que poderia acontecer. Assim, uma boa mulher . . . Se você tiver uma boa esposa, irmão, você deve tê-la com a mais alta consideração. Isso mesmo. Deve fazer isso. Uma verdadeira mulher! E, filhos, se tiverem uma verdadeira mãe que fica em casa e procura cuidar de vocês, mantendo sua roupa limpa, manda vocês à escola, ensinando-lhes sobre Jesus, vocês devem honrar essa amável mãe com tudo o que estiver em

vocês. Devem respeitar essa mulher, sim senhor, porque ela é uma verdadeira mãe.

⁸⁹ Eles falam do analfabetismo nas montanhas de Kentucky. Vê-se isso nestas histórias em quadrinhos. Algumas daquelas velhas mães lá poderiam vir cá a Hollywood e ensinar vocês, mães modernas, como criar seus filhos. Deixe a filha dela entrar uma noite com seu cabelo desarrumado, e lábios . . . batom (como se chama?) negócio de maquiagem que põe no rosto, e seu vestido todo espremido de lado, e tivesse estado fora a noite toda, bêbada, ai! ai! ai! ela tiraria um daqueles galhos de cima daquela noqueira e ela nunca mais sairia. Vou lhe dizer, ela . . . E se tivesse um pouco mais disso, teria uma Hollywood melhor aqui, e uma nação melhor. Isso mesmo. É verdade. “É só tentar ser moderno,” isso—isso é um dos artifícios do diabo.

⁹⁰ Agora, esta mocinha, quando olhei para ela, me doeu o coração. E pensei: “Coitadinha.”

E ela disse: “Ah, quer um cigarro, Billy?”

Eu disse: “Não, senhorita.” Eu disse: “Não fumo.”

⁹¹ Ela disse: “Agora, você disse que não dança.” Queriam ir a um baile e eu não quis. Portanto, disseram que havia um baile lá no que chamavam de Sycamore Gardens.

E eu disse: “Não, não danço.”

⁹² Ela disse: “Agora, você não dança, não fuma, não bebe. Como você se diverte?”

⁹³ Eu disse: “Pois, gosto de pescar e gosto de caçar.” Isso não lhe interessou.

Então ela disse: “Tome este cigarro.”

E eu disse: “Não, senhorita, obrigado. Não fumo.”

⁹⁴ E eu estava em pé no estribo. Tinha um estribo nos velhos Fords, você se lembra, e eu estava em pé naquele estribo, sentados no banco de trás, ela e eu. E ela disse: “Você quer dizer que não quer fumar um cigarro?” Disse: “E nós moças temos mais coragem do que você.”

E eu disse: “Não, senhorita, creio que não quero fazer isso.”

⁹⁵ Ela disse: “Ora, seu maricão!” Ah, que coisa! Eu queria ser o Bill grande e mau, assim eu—eu não queria nada mesmo de maricas. Veja, eu queria ser um boxeador, essa era minha ideia da vida. Por isso eu disse . . . “Maricas! Maricas!”

⁹⁶ Eu não podia aguentar isso, então eu disse: “Dê isso a mim!” Minha mão estendida, eu disse: “Mostrarei para ela se sou maricas ou não.” Peguei aquele cigarro e comeci a riscar o fósforo. Agora, sei que você . . . Agora, não sou responsável pelo que você pensa, sou responsável só por dizer a verdade. Quando fui acender aquele cigarro, tão determinado a fumar como estou a pegar esta Bíblia, veja, ouvi algo fazendo: “Vuuuumm!” Tentei

de novo, não pude chegá-lo à minha boca. E comecei a chorar, joguei o negócio no chão. Começaram a rir de mim. E voltei a pé para casa, campo acima, sentei lá fora, chorando. E—e foi uma vida terrível.

⁹⁷ Eu me lembro que um dia papai estava descendo até o rio com os homens. Meu irmão e eu, nós tínhamos que levar um barco e subir e descer o rio procurando garrafas para pôr uísque. Recebíamos cinco centavos por dúzia delas, para pegá-las ao longo do rio. E papai estava comigo, e ele tinha uma destas achatadinhas. . . . Creio que eram garrafas de duzentos e trinta mililitros. E havia uma árvore derrubada pelo vento, e papai. . . . E este homem estava com ele, o Sr. Dornbush. Eu tinha seu. . . . Ele tinha um barco bonito, e eu queria achar favor com ele porque queria usar aquele barco. Tinha um leme bom e o meu não tinha leme nenhum. Só tínhamos tábuas velhas para remar. E se ele deixasse eu usar aquele barco. . . . De modo que, ele soldava e fazia os alambiques para o papai. Assim ele. . . . Eles colocaram a perna atravessada naquela árvore, e papai colocou a mão no bolso de trás e tirou uma garrafinha achatada de uísque, passou para ele e ele bebeu, passou de volta para o papai e ele bebeu, e ele a colocou num galhinho, ao lado da árvore, que saía de lado. E o Sr. Dornbush a pegou, disse: “Aqui está, Billy.”

Eu disse: “Obrigado, não bebo.”

⁹⁸ Ele disse: “Um Branham e não bebe?” Todos morreram de rir, quase. E ele disse: “Um Branham e não bebe?”

Eu disse: “Não, senhor.”

“Não,” papai disse, “criei um maricas.”

⁹⁹ Meu pai me chamando de maricas! Eu disse: “Passe-me essa garrafa!” E arranquei aquela rolha de cima, determinado a beber, e quando fui a virá-la: “Vuuuumm!” Passei a garrafa de volta e saí correndo pelo campo afora o mais rápido que podia, chorando. Algo não me deixava beber. Percebeu? Eu não podia dizer que eu era bom (eu estava determinado a beber), mas é Deus, graça, graça maravilhosa que me guardava de fazer essas coisas. Eu mesmo queria fazê-las, mas Ele não me deixava fazer.

¹⁰⁰ Mais tarde achei uma moça quando tinha uns vinte e dois anos, ela era muito boazinha. Ela era uma que ia à igreja, Luterana Alemã. O sobrenome dela era Brumbach, B-r-u-m-b-a-c-h, veio do nome Brumbaugh. E ela era uma boa moça. Não fumava nem bebia, nem—nem dançava ou nada, uma boa moça. Eu a namorei por um pouco de tempo, e eu tinha. . . . Então uns vinte e dois anos, eu tinha ganhado bastante dinheiro para comprar um velho Ford, e eu. . . . passeávamos juntos. E assim, naquele tempo, não havia igreja luterana por perto, eles tinham mudado de Howard Park para lá.

¹⁰¹ E assim, eram. . . . um ministro, aquele que me ordenou na Igreja Batista Missionária, o Doutor Roy Davis. A irmã

Upshaw . . . o mesmo que mandou o irmão Upshaw a mim, ou falou com ele sobre mim, o Doutor Roy Davis. E assim ele estava pregando, e tinha a Primeira Igreja Batista, ou a—a . . . Creio que também não era a Primeira Igreja Batista, era a Missio- . . . chamada a Igreja Batista Missionária de Jeffersonville. E ele estava pregando no local naquele tempo, e íamos à igreja de noite, assim . . . e voltávamos. E nunca me uni à igreja, mas só gostava de ir com ela. Porque o pensamento principal era de “sair com ela,” melhor que seja honesto.

¹⁰² E assim, acompanhá-la, e um dia eu . . . Ela veio de boa família. E comecei a pensar: “Sabe, sabe, eu não devo tomar o tempo dessa moça. Não é—não é certo, porque ela é uma moça simpática, e eu sou pobre e—e eu . . .” Meu pai tinha decaído em saúde, e eu—eu . . . Não havia jeito de ganhar o pão para uma moça como ela, que tinha sido acostumada a uma casa boa e tapetes no chão.

¹⁰³ Eu me lembro do primeiro tapete que já vi, eu não sabia o que era. Andei ao lado dele. Achei que era a coisa mais bonita que tinha visto na vida. “Como poriam algo assim no chão?” Foi o primeiro tapete que já vi. Foi—foi um destes . . . Creio que chamasse “tapetes de esteira.” Pode ser que esteja errado. Algum tipo de “vime” ou algo que é entrelaçado, e colocado no chão. Bonito, verde e vermelho, e grande rosa trabalhada no meio dele, você sabe. Era um negócio bonito.

¹⁰⁴ E assim, me lembro que eu—eu resolvi que tinha de pedi-la em casamento, ou tinha de deixá-la e deixar que algum bom homem se casasse com ela, alguém que fosse bom para ela, pudesse ganhar o pão para ela e pudesse ser bom para ela. Eu poderia ser bom para ela, mas eu—eu—eu só ganhava vinte centavos por hora. Por isso não podia oferecer-lhe uma vida muito boa. E eu . . . Com toda a família que tínhamos para cuidar, e papai decaído em saúde, e eu tinha que cuidar de todos eles, assim que eu estava tendo muita dificuldade.

¹⁰⁵ Então pensei: “Pois, a única coisa a fazer é dizer-lhe que eu—eu . . . ela . . . eu—eu não voltarei, porque eu tinha muita consideração por ela para estragar sua vida e deixá-la perder tempo comigo.” E então pensei: “Se alguém conseguiu-la e se casar com ela, e formar um lar admirável, e talvez se eu não pudesse me casar com ela, eu poderia—poderia saber que ela está contente.”

¹⁰⁶ E assim pensei: “Mas eu—eu—eu não posso desistir dela!” E eu—eu estava numa situação terrível. E dia após dia eu pensava nisso. De forma que, eu era muito tímido para pedi-la em casamento. Toda noite eu resolvia: “Vou pedir.” E, ora, o que é isso, frio, ou algo que vem no seu . . .? Todos vocês, irmãos aí, provavelmente tiveram a mesma experiência. E uma sensação muito engraçada, meu rosto ficava quente. Eu—eu não sabia. Não conseguia pedir.

107 Assim, suponho que você se pergunte como eu cheguei a me casar. Sabe de uma coisa? Escrevi-lhe uma carta e pedi. E assim seu. . . Agora, não foi “estimada senhorita,” foi um pouco mais (sabe) no lado do amor. Não era simplesmente um—um acordo, era. . . eu—eu escrevi o melhor que pude.

108 E eu tinha um pouco de medo da mãe dela. Sua mãe era. . . era meio severa. E, mas seu pai era um velho holandês bom, um velho bom mesmo. Ele era um organizador da fraternidade e guarda-freios na estrada de ferro, ganhando mais ou menos quinhentos dólares por mês naquele tempo. E eu ganhava vinte centavos por hora, para casar-me com a filha dele. Ai! Eu sabia que isso nunca funcionaria. E sua mãe era muito. . . Agora, ela é uma mulher simpática. E ela—ela era meio que destas de alta sociedade, você sabe, e meio vaidosa, você sabe, e por isso ela não precisava muito de mim de qualquer modo. Eu era só um simples jovem caipira, e ela achava que Hope devia namorar um tipo de moço um pouco melhor, e eu—eu—eu creio que ela tinha razão. E assim. . . Mas eu—eu não pensava assim naquele tempo.

109 Então pensei: “Bem, agora, não sei como. Eu—eu não posso pedir ao pai dela, eu—eu com certeza não vou pedir à mãe. Assim que tenho que pedir a ela primeiro.” Então escrevi uma carta. E aquela manhã a caminho do trabalho, a coloquei na caixa de correio. A correspondência. . . Nós iríamos à igreja quarta-feira à noite, e isso foi na segunda-feira de manhã. Tentei o dia todo, no domingo, dizer-lhe que queria casar, e não consegui criar coragem suficiente.

110 Assim que a coloquei na caixa de correio. E no trabalho aquele dia aconteceu de eu pensar: “E se a mãe dela pegou aquela carta?” Oh, que coisa! Então sabia que estava arruinado se—se ela a pegou, porque ela não me queria muito. Bem, eu estava suando frio.

111 E naquela quarta-feira à noite quando fui, oh que coisa, pensei: “Como vou chegar lá? Se sua mãe pegou aquela carta ela me tratará duro, então espero que ela a tenha recebido.” Eu a enderecei à “Hope”. Esse era o seu nome, Hope. Assim eu disse: “Vou endereçar aqui à Hope.” E assim. . . E achei que talvez ela não tivesse recebido a carta.

112 Desse modo eu sabia que não devia parar lá fora e buzinar para ela vir. Ora, ora! E qualquer moço que não tem coragem suficiente de chegar até à casa e bater na porta e perguntar pela moça, não tem nada que sair com ela, de qualquer maneira. Exatamente isso. Que tolice. Que atitude barata.

113 E assim, parei meu velho Ford, você sabe, e tinha dado brilho nele. E então fui e bati na porta. Misericórdia! A mãe dela veio à porta. Quase não consegui pegar o fôlego, eu disse: “Como—como—como vai, Sra. Brumbach?” É.

114 Ela disse: “Como vai, William.”

Pensei: “Que coisa, ‘William’!”

E—e ela disse: “Você vai entrar?”

115 Eu disse: “Obrigado.” Entrei. Eu disse: “A Hope está quase pronta?”

116 E bem naquela hora aqui veio Hope dando pulinhos pela casa, ainda mocinha, de uns dezesseis anos. E ela disse: “Oi, Billy!”

117 E eu disse: “Oi, Hope.” E eu disse: “Você está quase pronta para ir à igreja?”

Ela disse: “Num minutinho.”

118 Pensei: “Oh, que coisa! Ela não a pegou. Não a pegou. Que bom, que bom, que bom. Hope também não a recebeu, por isso tudo estará bem, porque ela teria mencionado a mim.” Assim que me senti bem.

119 E então quando cheguei à igreja, me ocorreu: “E se ela a recebeu?” Entendeu? E não podia ouvir o que o Doutor Davis estava dizendo. Olhei para ela e pensei: “E se ela só estiver segurando para não falar, e vai me dizer umas verdades quando sair daqui por tê-la pedido.” E não conseguia ouvir o que o irmão Davis estava dizendo. E—e eu olhei para ela, e pensei: “Que coisa, detesto deixá-la, mas . . . E eu—eu . . . mas a hora da verdade vai chegar.”

120 Assim, após a igreja começamos a andar juntos pela rua, indo para casa, e—e assim fomos até o velho Ford. Assim que o tempo todo a lua estava brilhando forte, você sabe, olhei de lado e ela era bonita. Que coisa, olhei para ela e pensei: “Que coisa, como gostaria de tê-la por esposa, mas acho que não posso.”

121 E então andei um pouco mais, você sabe, e olhei para ela de novo. Eu disse: “Como—como se sente hoje à noite?”

Ela disse: “Ah, estou bem.”

122 E paramos o velho Ford e começamos a sair, você sabe, pelo lado, e caminhando para a casa dela, viramos a esquina. E eu estava chegando à porta com ela. Pensei: “Sabe, ela provavelmente nem recebeu a carta, por isso é melhor esquecer. De qualquer modo eu terei outra semana de graça.” Por isso comecei a me sentir bem.

Ela disse: “Billy?”

Eu disse: “Sim.”

Ela disse: “Recebi sua carta.” Que coisa!

Eu disse: “Recebeu?”

123 Ela disse: “Sim.” Bem, ela continuou andando, não disse mais nada.

124 Pensei: “Mulher, me diz alguma coisa. Mande-me embora ou me diz o que acha disso.” E eu disse: “Você—você a leu?”

Ela disse: “Sim.”

¹²⁵ Que coisa, você sabe como uma mulher pode mantê-lo em suspense. Oh, eu—eu não falei isso para criticar, veja. Entende? Mas, de qualquer modo, sabe, eu—eu pensei: “Porque não diz algo?” Veja, e continuei. Eu disse: “Você a leu toda?”

E ela . . . [Espaço em branco na fita—Ed.] “Sim.”

¹²⁶ Assim, estávamos quase à porta, e pensei: “Que coisa, não me leve até à varanda, porque talvez não consiga correr mais do que eles, por isso me diga agora.” E assim continuei esperando.

¹²⁷ E ela disse: “Billy, eu gostaria muito de fazer isso.” Ela disse: “Eu te amo.” Bendita seja agora, ela está na Glória. Ela disse: “Eu te amo.” Disse: “Acho que devemos contar ao nosso pai . . . aos pais sobre isso. Não acha?”

¹²⁸ E eu disse: “Querida, ouça, vamos começar fazendo uma proposta de meio a meio.” Eu disse: “Eu conto ao seu pai se você contar à sua mãe.” Jogando a pior parte nas mãos dela, para começar.

Ela disse: “Muito bem, se você contar ao papai primeiro.”

Eu disse: “Está bem, contarei a ele no domingo à noite.”

¹²⁹ Assim que a noite de domingo chegou, eu a trouxe para casa, da igreja, e eu . . . Ela ficava olhando para mim. E olhei, e eram nove e meia, hora de eu ir. De modo que Charlie estava sentado à sua escrivaninha, datilografando. E a Sra. Brumbach sentada no canto, fazendo um tipo de crochê, sabe, ou aqueles pequenos aros que se passa por cima de coisas, você sabe. Não sei como se chama. E então ela estava fazendo um pouco desse tipo de coisa. E Hope ficava olhando para mim, e franzia a sobrancelha para mim, sabe, dando sinal em direção ao pai dela. E eu . . . Oh, que coisa! Pensei: “E se ele disser: ‘Não?’” Então fui em direção à porta, eu disse: “Bem, acho que é melhor eu ir.”

¹³⁰ E fui até à porta, e—e ela vindo até à porta comigo. Ela sempre vinha até à porta para me dizer “boa noite.” Assim, fui em direção à porta, e ela disse: “Não vai contar para ele?”

¹³¹ E eu disse: “Hã!” Eu disse: “Com toda certeza estou tentando, mas eu—eu—eu não sei como vou fazer isso.”

¹³² E ela disse: “Eu volto e você o chama para sair.” Então ela voltou e me deixou em pé lá.

E eu disse: “Charlie.”

E virou e disse: “Sim, Bill?”

Eu disse: “Poderia conversar com o senhor só um minuto?”

¹³³ Ele disse: “Claro.” Ele se virou da sua escrivaninha. Sra. Brumbach olhou para ele, olhou para Hope, e olhou para mim.

E eu disse: “Poderia sair à varanda?”

E ele disse: “Sim, saio.” De modo que ele saiu para a varanda.

Eu disse: “É mesmo uma bela noite, não é?”

E ele disse: “Sim, é.”

Eu disse: “Tem feito bastante calor.”

“Tem sim,” ele olhou para mim.

¹³⁴ Eu disse: “Tenho trabalhado tanto,” eu disse, “sabe, minhas mãos estão criando até calos.”

Ele disse: “Pode se casar com ela, Bill.” Oh, que coisa! “Pode se casar com ela.”

¹³⁵ Pensei: “Oh, assim é melhor.” Eu disse: “Fala a sério, Charlie?” Ele disse . . . Eu disse: “Charlie, olhe, sei que ela é sua filha, e o senhor tem dinheiro.”

¹³⁶ E ele estendeu sua mão e me pegou pela mão. Ele disse: “Bill, ouça, dinheiro não é tudo na vida humana.” Ele disse . . .

¹³⁷ Eu disse: “Charlie, eu—eu só ganho vinte centavos por hora, mas eu a amo e ela me ama. E eu lhe prometo, Charlie, que trabalharei até que estes . . . os calos se gastem das minhas mãos, para ganhar o pão para ela. Serei o mais fiel que posso para ela.”

¹³⁸ Ele disse: “Acredito, Bill.” Ele disse: “Ouça, Bill, quero lhe contar.” Disse: “Sabe, felicidade, não se necessita só de dinheiro para ser feliz.” Disse: “Apenas seja bom para ela. E sei que será.”

Eu disse: “Obrigado, Charlie. Farei isso com certeza.”

¹³⁹ Então foi a vez dela de contar à mamãe. Não sei como ela se arranjou, mas nós nos casamos.

¹⁴⁰ Então, quando nos casamos, não tínhamos nada, nada para cuidarmos da casa. Acho que tínhamos dois ou três dólares. Assim, alugamos uma casa, custava-nos quatro dólares por mês. Era uma casinha velha de dois cômodos. E alguém nos deu uma velha cama de armar. Será que alguém já viu uma velha cama de armar? E nos deram isso. E fui até a Sears & Roebucks e comprei uma mesinha com quatro cadeiras, e—e não era pintada, você sabe, e compramos à prestação. E assim, não fui ao Sr. Weber, um negociante de ferro velho, e comprei um fogão. Paguei setenta e cinco centavos por ele, e um dólar e qualquer coisa pelas bocas para ele. Começamos a cuidar de casa. Eu me lembro de pegar e pintar um trevo nas cadeiras, quando as pintei. E no entanto, oh, éramos felizes. Tínhamos um ao outro, e isso era o necessário. E Deus, por Sua misericórdia e bondade, éramos o casalzinho mais feliz que poderia estar na terra.

¹⁴¹ Descobri isto, que felicidade não consiste em quanto dos bens do mundo você possui, mas se está satisfeito com a porção que coube a você.

¹⁴² E, depois de um tempo, Deus desceu e abençoou nosso pequeno lar, tivemos um menininho. O seu nome é Billy Paul, está no culto aqui agora mesmo. E um pouco depois disso, uns onze

meses, Ele nos abençoou de novo com uma menina chamada Sharon Rose, tirado da palavra “A Rosa de Sarom.”

143 E eu me lembro que um dia eu fiz economias e ia tirar umas feriazinhas, indo a um lugar, o Lago Paw Paw, para pescar. E no caminho de volta . . .

144 E durante este tempo . . . Estou omitindo minha conversão. Eu me converti. E fui ordenado pelo Doutor Roy Davis, na Igreja Batista Missionária, e me tornei ministro e tenho o tabernáculo em que agora prego em Jeffersonville. E estava pastoreando a igreja. E eu . . .

145 Sem dinheiro, pastoreei a igreja dezessete anos e nunca peguei um centavo. E não cria em tom- . . . Nem sequer havia um prato de ofertas nela. E os dízimos que tinha de trabalho, etc., tinha uma caixinha na parte de trás da igreja, dizia, uma plaquinha nela: “Quando o fizestes a um destes Meus pequeninos, a Mim o fizestes.” E então foi assim que a igreja foi paga. Tínhamos um empréstimo de dez anos e foi paga em menos de dois anos. E eu nunca levantei uma oferta de qualquer tipo.

146 E então eu tinha, ah, uns dólares economizados para minhas férias. Ela trabalhou, também, na Fábrica de Camisas Fine. Uma moça adorável, encantadora. E a sua sepultura talvez esteja coberta de neve hoje, mas ela ainda está em meu coração. E lembro-me de quando ela tinha trabalhado tanto para me ajudar a ter dinheiro suficiente para ir até este lago para pescar.

147 E quando eu estava voltando do lago, comecei a ver, entrando em Mishawaka e South Bend, Indiana, e comecei a notar carros que tinham letreiros na traseira, diziam: “Só Jesus.” E pensei: “Parece estranho: ‘Só Jesus.’” E comecei a notar aqueles letreiros. E estava em toda parte, de bicicletas, Fords, Cadillacs, e tudo mais: “Só Jesus.” E acompanhei alguns deles, e chegaram a uma grande igreja. E descobri que eles eram pentecostais.

148 Eu tinha ouvido falar de pentecostais, mas eram um bando de “roladores santos que deitavam no chão e punham espuma pela boca,” e tudo o que tinham me contado a respeito. Por isso, eu não queria nada a ver com isso.

149 Então os ouvi todos comportando-se agitadoamente aí, e pensei: “Creio que vou dar uma entradinha.” Assim, parei meu velho Ford e entrei, e cantavam como você nunca ouviu na vida! E descobri que haviam duas grandes igrejas, uma delas chamada uma A.P. de J.C., e a A.P.M., pode ser que muitos de vocês se lembrem daquelas velhas organi- . . . Acho que são unidas, chamadas agora, e chamadas Igreja Pentecostal Unida. Bem, ouvi alguns dos seus mestres. E estavam em pé lá, ah, estavam ensinando a respeito de Jesus e quão grande foi Ele, e quão grande foi tudo, e a respeito de um “batismo do Espírito Santo.” Pensei: “Do que estão falando?”

¹⁵⁰ E, passado um pouco, alguém se levantou e começou a falar em línguas. Ora, nunca tinha ouvido algo assim na vida. E lá veio uma mulher por ali correndo o mais que podia. Então todos se levantaram e começaram a correr. E pensei: “Ora, que coisa, com certeza eles não têm modos na igreja!” Berrando e gritando e portando-se assim, pensei: “Que bando!” Mas, sabe, tinha algo que quanto mais eu ficava sentado aí, mais eu gostava. Havia algo que parecia muito bom. E comecei a observá-los. E continuou. Pensei: “Serei paciente com eles por um pouco, porque eu . . . estou perto da porta. Se alguma coisa começar a ser irracional, sairei correndo pela porta. Sei onde o meu carro está estacionado, pertinho da esquina.”

¹⁵¹ E comecei a ouvir alguns daqueles pregadores, eram eruditos e estudantes. Ora, pensei: “Tudo bem.”

Assim, a hora do jantar chegou, e disseram: “Venham todos jantar.”

¹⁵² Mas pensei: “Espere um pouco. Tenho um dólar e setenta e cinco centavos para voltar para casa, e eu . . .” Era todo o dinheiro que tinha para gasolina. Gastaria isso tudo para eu chegar em casa. E tinha meu velho Ford, era um bom Ford, antigo. Não era desviado, era exatamente como este aqui fora, só que bem usado. E ele . . . até creio que aquele Ford chegava a cinquenta quilômetros por hora, mas claro que eram vinte e cinco *nesta* direção e vinte e cinco *nesta* direção. Veja, juntando, você tem cinquenta. E assim ele . . . Pensei: “Pois, aquela noite pensei em sair e depois do . . .” Eu ia ficar para o culto da noite.

¹⁵³ E, ah, ele disse: “Todos os pregadores, sem levar em conta a denominação, venham à plataforma.” Pois, havia uns duzentos de nós lá em cima, eu subi. E então ele disse: “Agora, não temos tempo para todos vocês pregarem.” Ele disse: “Apenas passe por aqui e diga quem é e de onde é.”

¹⁵⁴ Pois, minha hora chegou, eu disse: “William Branham, batista. Jeffersonville, Indiana.” Passei por aí.

¹⁵⁵ Eu ouvia todo o resto deles se designarem: “Pentecostal, pentecostal, pentecostal, A.P.M., A.P. de J.C., A.P.M., P. . .”

¹⁵⁶ Eu passei por aí. Pensei: “Pois, acho que sou o patinho feio.” Assim eu me sentei, esperei.

¹⁵⁷ E, aquele dia, eles tinham bons pregadores jovens aí, e tinham pregado poderosamente. E então disseram: “Aquele que vai trazer a mensagem esta noite é . . .” Creio que o chamaram: “Ancião.” E os ministros deles, em vez de “Reverendo,” era “Ancião.” E levaram um velho de cor lá, e ele tinha um destes casacos antigos de pregador. Acho que você nunca viu um. Longa cauda de pombo na parte traseira, você sabe, com uma gola de veludo, e ele tinha só uma bordinha branca de cabelo em volta da cabeça. Coitado do velho, ele veio *deste* jeito. E ele ficou em pé lá e se virou. E ao passo que todos os pregadores tinham pregado

sobre Jesus e o grande. . . quão grande Ele era, etc., aquele velho tomou seu tópico de lá de Jó. “Onde estavas tu, quando Eu fundava a terra, ou quando as estrelas da alva cantavam, e os filhos de Deus rejubilavam?”

¹⁵⁸ E o coitado do velho, pensei: “Por que não puseram um daqueles jovens lá em cima para pregar?” Grande. . . o lugar estava lotado e apertado. E pensei: “Por que não fizeram isso?”

¹⁵⁹ E então este velho, em vez de pregar o que estava acontecendo aqui na terra, começou a pregar o que estava acontecendo no Céu todo o tempo. Pois, ele começou com Ele no começo—no princípio do tempo, e trouxe-O de volta na Segunda Vinda pelo arco-íris horizontal. Ora, nunca tinha ouvido pregação assim na vida! Por volta disso o Espírito caiu nele, ele pulou mais ou menos *desta* altura e bateu um calcanhar contra o outro, jogou os ombros para trás e foi se dobrando pela plataforma, disse: “Vocês não têm bastante espaço aqui em cima para eu pregar.” E ele tinha mais espaço do que eu tenho aqui.

¹⁶⁰ Pensei: “Se Isso faz um velho portar-se assim, o que faria se caísse em mim?” Eu—eu pensei: “Talvez eu precise um pouco Disso.” Ora, quando ele veio, senti tanta pena do velho. Mas, quando se foi, senti pena mim mesmo. E olhei ele descer dali.

¹⁶¹ Eu saí aquela noite e pensei: “Agora, na manhã seguinte não vou deixar ninguém saber onde, quem sou.” Assim, fui e aquela noite passei minha calça. Tomei o. . . fui ao campo de milho para dormir, e fui e comprei uns pãezinhos amanhecidos. Você. . . Comprei uma porção deles por cinco centavos. Havia um hidrante lá embaixo, consegui um pouco de água. Assim, eu sabia que isso duraria um pouco, então consegui um pouco de água e a bebi, e fui e comi meus pãezinhos. E voltei e tomei mais água. Fui ao campo de milho, tomei os dois assentos e coloquei minha calça de algodão listrada aí, passei-a no assento.

¹⁶² E, aquela noite, orei quase toda a noite. Eu disse: “Senhor, o que é isto em que entrei? Nunca vi um povo tão religioso na vida.” E eu disse: “Ajuda-me a saber o que é tudo isso.”

¹⁶³ E na manhã seguinte cheguei lá. Eles nos convidaram para o café da manhã. Claro, eu não queria ir comer com eles, porque não tinha nada para pôr na oferta. E voltei. E na manhã seguinte quando entrei, ora (comi alguns dos meus pãezinhos), e me sentei. E eles tinham um microfone. E nunca tinha visto um microfone, e tinha medo disso. Assim eles. . . E ele tinha um fiozinho pendurado lá em cima, e descia. Como um desses microfones pendurados. E ele disse: “Ontem à noite, na plataforma, havia um pregador jovem aqui, um batista.”

Pensei: “Ah não, vou levar uma boa agora.”

¹⁶⁴ E ele disse: “Ele era o pregador mais jovem da plataforma. Seu nome era Branham. Alguém sabe onde ele está? Diga-lhe que venha, queremos que traga a mensagem da manhã.”

¹⁶⁵ Oh, que coisa! Eu estava usando uma camisetinha e calça de algodão listrada, você sabe. E nós, batistas, cremos que você tem que usar terno para ir ao púlpito, sabe. Assim . . . E eu—eu fiquei sentado bem quieto. E durante o tempo . . . Eles a fizeram lá no Norte, na época, porque (a convenção internacional deles) as pessoas de cor não poderiam ir, se fosse no Sul. Eles tinham os de cor aí, e eu era do sul, era formal ainda, veja, achava que eu era um pouco melhor do que alguns. E aconteceu que naquela manhã, sentado bem ao meu lado, estava um—um homem de cor. Assim, eu estava sentado e olhei para ele. Pensei: “Pois, ele é um irmão.”

¹⁶⁶ E ele disse: “Alguém sabe onde William Branham está?” Abaixei-me no assento *deste* jeito. Então ele disse, anunciou a segunda vez, disse: “Alguém aí fora” (ele puxou este pequeno microfone) “sabe onde William Branham está? Diga-lhe que o queremos na plataforma para a mensagem da manhã. Ele é um pregador batista do sul de Indiana.”

¹⁶⁷ Fiquei sentado bem quieto abaixado, você sabe. Ninguém me conhecia, afinal. Aquele homem de cor olhou para mim e disse: “Sabe onde ele está?”

¹⁶⁸ Pensei. Ou eu—eu tinha que mentir ou fazer algo. Assim, eu disse: “Abaxe-se aqui.”

Ele disse: “Sim, senhor?”

Eu disse: “Quero dizer-lhe algo.” Eu disse: “Eu—eu sou ele.”

Ele disse: “Pois, suba lá.”

¹⁶⁹ E eu disse: “Não, não posso. Veja,” eu disse, “estou usando esta calça de algodão velhinha listrada e esta camisetinha.” Eu disse: “Eu não poderia subir lá.”

¹⁷⁰ Ele disse: “Esse povo não se importa como se veste. Suba lá.”

Eu disse: “Não, não.” Eu disse: “Fique quieto, não diga nada agora.”

¹⁷¹ E voltaram ao microfone num minuto, disseram: “Alguém sabe onde William Branham está?”

¹⁷² Ele disse: “Aqui está! Aqui está! Aqui está!” Oh, que coisa! Aí subi eu usando aquela camisetinha, sabe. E aqui eu . . .

¹⁷³ Ele disse: “Suba, Sr. Branham, queremos que traga a mensagem.” Oh, que coisa, na frente de todos aqueles pregadores, hum, todo aquele povo! E subi de mansinho, sabe. Meu rosto vermelho e minhas orelhas queimando. E subi de mansinho, calça de algodão listrada e camiseta, pregador, pregador batista subindo ao microfone, nunca vi um antes, veja.

¹⁷⁴ E em pé lá em cima, eu disse: “Pois, eu—eu—eu não sei não.” Eu estava atrapalhando-me, muito nervoso, sabe. E—e abri mais ou menos em Lucas 16, e pensei: “Pois bem, agora . . .” E eu—eu comecei no assunto: “E no inferno ele levantou os olhos, e

chorou.” E eu . . . Assim eu—eu comecei a pregar, sabe, e comecei a pregar e me senti um pouco melhor. E eu disse: “O rico estava no inferno, e ele chorou.” Essas três palavras pequenas, como prego muitos sermões assim: “Crês Tu Nisto,” e “Fale à Rocha,” você já me ouviu pregar assim. E eu tinha: “E então ele chorou.” E eu disse: “Não há crianças lá, claro que não, no inferno. Então ele chorou.” Eu disse: “Não há flores lá. Então ele chorou. Não há Deus lá. Então ele chorou. Não há Cristo lá. Então ele chorou.” Então eu chorei. Algo me pegou. Que coisa! Oh, que coisa! Não sei o que aconteceu depois. Quando fui voltando a mim mesmo, eu estava em pé lá fora. Aquele povo começou a berrar e a gritar e a chorar e eu, nós, tivemos um culto tremendo.

175 Quando saí, houve um homem que se aproximou de mim com um chapéu bem grande do Texas, grandes botas, aproximou-se, disse: “Sou o Ancião *Fulano*.” Pregador, botas de vaqueiro, roupa de vaqueiro.

Pensei: “Pois, até que minha calça de algodão listrada não está tão ruim.”

176 Disse: “Quero que venha ao Texas e realize um reavivamento para mim.”

177 “Sim, deixe-me marcar isso, senhor.” E marquei assim.

178 Aí aproximou-se um homem usando este tipo de calça de golfe, a qual usava-se para jogar golfe, você sabe, tinha aquela calça abaloadada. Ele disse: “Sou o Ancião *Fulano* de Miami. Eu gostaria . . .”

179 Pensei: “Pois, talvez o vestir não seja tão importante.” Olhei, e pensei: “Tudo bem.”

180 Assim peguei estas coisas e fui para casa. A esposa se encontrou comigo, disse: “Que houve que parece estar tão contente, Billy?”

181 Eu disse: “Oh, conheci o que há de melhor. Que coisa, é o melhor que já se viu. Aquele povo não tem vergonha da sua religião.” E, oh, eu contei tudo para ela. E eu disse: “E olhe aqui, meu bem, uma lista inteira de convites. Aquele povo!”

Ela disse: “Eles não são rolaadores santos, são?”

182 Eu disse: “Não sei que tipo de rolaadores eles são, mas eles têm algo que eu precisava.” Está vendo? Eu disse: “Essa—essa é uma coisa de que estou certo.” Eu disse: “Vi um velho, de noventa anos, voltar a ser jovem.” Eu disse: “Nunca ouvi tal pregação na vida. Ora, nunca vi um batista pregar assim.” Eu disse: “Eles pregam até ficar sem fôlego, e dobram o joelho a prumo com o chão, levantam, recobram o fôlego. Pode-se ouvi-los a dois quarteirões ainda pregando.” E eu disse: “Eu—eu nunca ouvi isso na vida.” E eu disse: “Eles falam numa língua desconhecida, e o outro diz sobre o que está falando. Nunca ouvi isso na vida!” Eu disse: “Você vai comigo?”

183 Ela disse: “Meu bem, quando me casei com você, era para ficar com você até que a morte nos separe.” Ela disse: “Eu vou.” Ela disse: “Agora, contaremos aos nossos pais.”

184 E eu disse: “Bem, você conta para sua mamãe e eu contarei para minha mãe.” Assim nós . . . Fui e contei para mamãe.

185 Mamãe disse: “Pois, claro Billy. Seja o que for que o Senhor o chamou para fazer, vá fazê-lo.”

186 E assim, a Sra. Brumbach pediu que eu fosse até sua casa. Fui. Ela disse: “De que se trata isso que você está falando?”

187 E eu disse: “Oh, Sra. Brumbach,” disse, “vocês nunca viram povo assim.”

Ela disse: “Acalme-se! Acalme-se!”

Eu disse: “Sim, senhora.” Eu disse: “Desculpe-me.”

E ela disse: “Sabia que são um bando de roladores santos?”

188 Eu disse: “Não, senhora, não sabia disso.” Eu disse: “Eles—eles sem dúvida são pessoas boas.”

189 Ela disse: “Que ideia! Acha que vai levar minha filha lá no meio de uma coisa dessas?” Disse: “Ridículo! Isso não é nada senão lixo que as outras igrejas jogaram fora.” Ela disse: “De fato! Você não vai levar minha filha para lá desse jeito.”

190 E eu disse: “Mas, sabe, Sra. Brumbach, no fundo do coração sinto que o Senhor quer que eu vá com esse povo.”

191 Ela disse: “Volte à sua igreja até que eles tenham meios de pagar uma casa pastoral para você, e porte-se como um homem que tem um pouco de bom senso.” Disse: “Você não vai levar minha filha por aí.”

Eu disse: “Sim, senhora.” Eu me virei e saí.

192 E Hope começou a chorar. Ela saiu, disse: “Billy, indiferente ao que mamãe diga, ficarei com você.” Deus a abençoe!

E eu disse: “Oh, não tem problema, querida.”

193 E eu deixei passar. Ela não ia deixar sua filha ir com um povo assim porque “Não era nada senão lixo.” E então, como que deixei passar. Foi o pior erro que já cometi na vida, um dos piores.

194 Um pouco mais tarde, poucos anos depois, os filhos vieram. E um dia estávamos . . . Uma enchente veio, em 1937. Veio uma enchente. E nosso . . . Eu patrulhava naquele tempo e eu estava tentando, da melhor maneira, tirar as pessoas da enchente, casas caindo. E minha própria esposa adoentou-se, e estava muito, muito doente com pneumonia. E a levaram . . . O hospital estava tão cheio que não podíamos pô-la aí, por isso a levamos para o—o quartel onde tinham um salão lá. E assim então eles me chamaram para voltar. E sempre morei perto do rio, e um

barqueiro muito bom, então eu estava tentando pegar as pessoas, salvá-las da enchente. E então eu . . . um . . .

¹⁹⁵ Chamaram-me, disseram: “Há uma casa lá na Rua Chestnut, está para cair. Há uma mãe e um grupo de crianças lá dentro,” disseram, “se acha que seu barco, seu motor pode chegar a eles.”

Eu disse: “Bem, farei tudo o que puder.”

¹⁹⁶ E eu, varando aquelas ondas. O dique tinha quebrado lá em cima, e, oh, que coisa, o . . . inundando a cidade. E eu dava tudo o que podia nele, e finalmente através dos becos e através dos lugares. E cheguei lá perto de onde o velho dique estava, a água correndo por ali. E ouvi alguém gritar, e vi uma mãe em pé na varanda. E havia aquelas grandes ondas passando por ali assim. Pois, subi por *este* lado o tanto quanto pude, e peguei a corrente de água e voltei e cheguei àquele lado. Eu tinha conseguido parar meu barco bem a tempo para amarrá-lo em volta do pilar, do poste, do esteio da porta ou esteio da varanda. E entrei correndo e peguei a mãe e a pus ali, e duas ou três das crianças. E desamarrei meu barco e a levei a . . . de volta. Saí lá por baixo, e a levei à margem, mais ou menos dois quilômetros e meio do outro lado da cidade, até levá-la à margem. E então quando cheguei lá, ela tinha desmaiado. E ela tinha começado . . . ela estava gritando: “Meu nenê! Meu nenê!”

¹⁹⁷ Pois, pensei que ela quis dizer que ela tinha deixado o nenê na casa. Oh, que coisa! Voltei enquanto estavam tentando cuidar dela. E, descobri, era . . . ou ela estava querendo saber onde seu nenê estava aí. Havia um menininho de mais ou menos três anos, e pensei que ela quis dizer um nenezinho de peito ou algo assim.

¹⁹⁸ Assim, voltei e cheguei lá. E quando cheguei com aquele barco e entrei e não pude achar nenhum nenê, e a varanda soltou-se e a casa caiu. E corri bem depressa e agarrei o—o pedaço que estava flutuando meu barco, subi no barco e puxei aquilo e soltei-o.

¹⁹⁹ E me levou para a corrente do rio principal então. E eram mais ou menos onze e meia da noite, e caindo saraiva miúda e nevando. E agarrei no cordão de partida e tentei puxar o barco, e não pegou, e tentei e não quis pegar, e tentei de novo. Afastando-me naquela corrente, a cachoeira bem na minha frente. E eu estava tentando mesmo, e pensei: “Oh, que coisa, aqui—aqui está meu fim! É agora!” E eu estava tentando muito mesmo. E eu disse: “Senhor, por favor, não me deixe morrer assim,” e eu puxava e puxava.

²⁰⁰ E voltou a mim: “E aquele monte de lixo ao qual você não quis ir?” Está vendo? Sim.

²⁰¹ Eu pus a mão no barco de novo, e disse: “Deus, tem misericórdia de mim. Não me permitas deixar minha esposa e a nenê assim, e elas estão lá doentes! Por favor!” E eu continuava puxando assim, e não pegava. E eu podia ouvir o rugido lá

embaixo, porque eu . . . Só uns minutos, e, oh, que coisa, seria o fim. E eu disse: “Senhor, se Tu me perdoares, eu Te prometo que farei qualquer coisa.” Ajoelhei-me naquele barco lá e a saraíva miúda batendo em meu rosto. Eu disse: “Farei qualquer coisa que quiseses que eu faça.” E puxei de novo, e pegou. E acelerei o mais que pude, e finalmente cheguei à margem.

²⁰² E voltei para achar a camioneta, a camioneta de patrulha. E pensei em . . . Havia alguns deles que disseram: “Ei, o abrigo do governo acabou de ser inundado.” Minha esposa e nenê lá dentro, os dois nenês.

²⁰³ E parti para o abrigo o mais rápido que pude, e a água tinha uns quatro metros e meio por tudo lá. E havia um major lá, e eu disse: “Major, o que aconteceu com o hospital?”

Disse: “Agora, não se preocupe. O senhor tem alguém nele?”

E eu disse: “Sim, a—a esposa doente e dois nenês.”

²⁰⁴ Ele disse: “Todos escaparam.” Disse: “Estão num trem de carga e estão indo para Charlestown.”

²⁰⁵ Eu corri, peguei meu barco e . . . ou peguei meu carro, e meu barco atrás dele, e corri lá para . . . E então os riachos tinham aumentado a uns quatro ou cinco quilômetros de largura. E a noite toda tentei . . . Alguns disseram: “O vagão, o trem de carga, foi arrastado da linha férrea lá na ponte de cavaletes.”

²⁰⁶ Pois, eu me encontrei abandonado numa pequena ilha, fiquei lá três dias. Eu tive bastante tempo para pensar se Aquilo era lixo ou não. Só repetindo: “Onde está minha esposa?”

²⁰⁷ Finalmente quando a achei, uns dias depois que saí e atravessei, ela estava lá em Columbus, Indiana, no Auditório Batista onde tinham feito um—um tipo de hospital, quartos para os doentes em pequenas camas do governo. E corri até ela o mais que pude, tentando encontrar onde ela estava, gritando: “Hope! Hope! Hope!” E olhei, e ali estava ela deitada numa caminha, e ela pegou tuberculose.

Levantou a mãozinha ossuda, e disse: “Billy.”

E eu corri até ela e disse: “Hope, meu bem.”

Ela disse: “Estou horrível, não é?”

Eu disse: “Não, meu bem, você se parece bem.”

²⁰⁸ Por uns seis meses nós trabalhamos com tudo o que estava em nós, para tentar salvar a vida dela, mas ela continuava ficando cada vez pior.

²⁰⁹ Um dia eu estava patrulhando e eu estava com meu rádio ligado, e pensei ter ouvido dizerem, fazerem uma chamada no rádio, disse: “Para William Branham, querem o senhor no hospital imediatamente, esposa morrendo.” Apresssei-me o quanto pude até o hospital, liguei a luz vermelha e a sirene, e fui. E então eu—eu cheguei ao hospital e parei, entrei correndo.

Passando pelo—pelo hospital, vi um colega com quem eu pescava, corríamos juntos quando meninos, Sam Adair.

²¹⁰ O Doutor Sam Adair, é ele a quem a visão veio há pouco tempo e lhe disse sobre a clínica. E ele disse, se alguém duvidou da visão, chame-o a cobrar, se quiser saber se foi assim ou não.

²¹¹ E assim, ele saiu assim, e estava com o chapéu na mão. Ele olhou para mim e começou a chorar. E eu corri até ele, o abracei. Ele me abraçou, disse: “Billy, ela está morrendo.” Ele disse: “Sinto muito. Fiz tudo o que pude, tenho tido especialistas e tudo mais.”

Eu disse: “Sam, certamente ela não está morrendo!”

Disse: “Sim, ela está morrendo.” E ele disse: “Não entre aí, Bill.”

E eu disse: “Tenho que entrar, Sam.”

E ele disse: “Não entre. Por favor, não faça isso.”

Eu disse: “Deixe-me entrar.”

Disse: “Vou com você.”

²¹² Eu disse: “Não, fique aqui fora. Quero ficar com ela nos seus últimos minutos.”

Disse: “Ela está inconsciente.”

²¹³ Entrei no quarto. E a enfermeira estava sentada ali, e estava chorando porque ela e Hope foram companheiras de escola. E assim eu olhei, e ela começou a chorar, levantou a mão e começou a sair.

²¹⁴ E olhei para ela, e a sacudi. Ali ela estava, tinha emagrecido de uns cinquenta e cinco quilos a uns vinte e sete. E eu—eu a sacudi. E se eu viver até cem anos, nunca me esquecerei do que aconteceu. Ela se virou, e aqueles olhos bem grandes e bonitos olharam para mim. Ela sorriu. Ela disse: “Por que me chamou de volta, Billy?”

Eu disse: “Meu bem, acabo de receber a transmissão.”

²¹⁵ Eu tinha que trabalhar. Estávamos muito endividados e uma conta do médico de centenas de dólares, e nada para pagar. E eu tinha que trabalhar. E eu a visitava duas ou três vezes por dia, e toda noite, e naquele tempo quando ela estava naquela condição.

Eu disse: “O que quer dizer com ‘chamar’ você ‘de volta’?”

²¹⁶ Ela disse: “Bill, você tem pregado sobre Ele, tem falado sobre Ele, mas não faz ideia do que é.”

Eu disse: “Do que você está falando?”

²¹⁷ Ela disse: “Do Céu.” Ela disse: “Olhe,” ela disse, “eu estava sendo escoltada ao Lar por algumas pessoas, homens ou mulheres ou algo. Estavam vestidos de branco.” E ela disse: “Eu estava sossegada e em paz.” Disse: “Grandes pássaros bonitos voando de árvore em árvore.” Ela disse: “Não pense que estou

fora de mim.” Ela disse: “Billy, vou lhe dizer nosso erro.” Ela disse: “Sente-se.” Não me sentei, ajoelhei-me, peguei na mão dela. Ela disse: “Você sabe onde está o nosso erro?”

E eu disse: “Sim, querida, eu sei.”

218 Ela disse: “Nunca devíamos ter escutado mamãe. Aquele povo estava certo.”

E eu disse: “Eu sei.”

219 Ela disse: “Prometa-me isto, que você irá àquelas pessoas,” disse, “porque estão certas.” E ela disse: “Crie meus filhos assim.” E eu . . . Ela disse: “Quero dizer-lhe algo.” Ela disse: “Estou morrendo, mas,” disse, “é . . . eu não—eu não temo morrer.” Disse: “É—é tão belo.” Ela disse: “Só lamento deixá-lo, Bill. E sei que você tem essas duas criancinhas para criar.” Ela disse: “Prometa-me que—que você não ficará solteiro e não deixará meus filhos serem levados de vento em popa.” Isso foi uma coisa sensata para uma mãe de vinte e um anos.

E eu disse: “Não posso prometer isso, Hope.”

220 Ela disse: “Por favor, prometa-me.” Disse: “Uma coisa quero dizer-lhe.” Disse: “Você se lembra daquela espingarda?” Eu gosto demais de espingardas. E ela disse: “Você queria comprar aquela espingarda aquele dia e não tinha o bastante para dar de entrada.”

Eu disse: “Sim.”

221 Ela disse: “Tenho poupado meu dinheiro, moedas de cinco centavos para tentar dar de entrada naquela espingarda para você.” Ela disse: “Agora, quando isto acabar e você voltar para casa, olhe no sofá-cama . . . ou na cama de armar, debaixo daquela folha de papel em cima, e você encontrará o dinheiro lá.” Ela disse: “Prometa-me que comprará aquela espingarda.”

222 Você não sabe como me senti quando vi aquele dólar e setenta e cinco centavos (em moedas de cinco centavos) aí. Eu comprei a espingarda.

223 E ela disse: “Lembra-se daquela vez que você foi ao centro comprar-me um par de meias, e nós íamos a Fort Wayne?”

Eu disse: “Sim.”

224 Eu tinha voltado da pescaria, e ela disse . . . Tínhamos que ir a Fort Wayne, eu tinha que pregar aquela noite. E ela disse: “Sabe, eu disse a você: ‘Há dois tipos.’” Um chamado “chiffon.” E o que é o outro, raion? Está certo? Raion e chiffon. Pois, seja qual for, chiffon era o melhor. Certo? E ela disse: “Agora, compre-me uma de chiffon, no estilo.” Sabe aquele negócio que tem aquela coisinha na parte de trás da meia, na parte de cima? E eu não entendia de roupas de mulheres, assim eu . . .

225 E eu estava andando pela rua e dizendo: “Chiffon, chiffon, chiffon, chiffon,” tentando ir pensando em “chiffon, chiffon, chiffon.”

Alguém disse: “Oi, Billy!”

226 Eu disse: “Ah, oi, oi.” “Chiffon, chiffon, chiffon, chiffon, chiffon.”

227 E cheguei à esquina e encontrei-me com o Sr. Spon. Ele disse: “Ei, Billy, sabia que as percas estão beliscando agora lá no lado daquela última pilastra da ponte?”

Eu disse: “Certamente, é verdade?”

“Sim.”

Pensei então, quando o deixei para trás: “O que era mesmo aquilo?” Esqueci.

228 Assim Thelma Ford, uma moça que eu conhecia, trabalhava na loja de dez centavos. E eu sabia que vendiam meias para mulheres lá, por isso fui lá. Eu disse: “Oi, Thelma.”

E ela disse: “Oi, Billy. Como vai? Como está Hope?”

229 E eu disse: “Bem.” Eu disse: “Thelma, quero um par de meias curtas para a Hope.”

Ela disse: “A Hope não quer meias curtas.”

Eu disse: “Sim, senhorita, quer sim.”

Disse: “Você quer dizer meias de senhoras.”

230 “Ah, claro,” eu disse, “é isso.” Pensei: “Ah, não, já mostrei minha ignorância.”

E ela disse: “Que tipo ela quer?”

Pensei: “Oh, não!” Eu disse: “Que tipo vocês tem?”

Ela disse: “Pois, temos raion.”

231 Eu não sabia a diferença. Raion, chiffon, tudo parecia o mesmo. Eu disse: “É essa que quero.” Ela disse. . . Eu disse: “Apronte-me um par delas, no estilo.” E ela. . . Errei. Como é? Na moda. “Na moda.” E assim eu disse: “Apronte-me um par delas.”

232 E quando ela entregou para mim, custaram só uns trinta centavos, vinte centavos ou trinta centavos, cerca da metade do preço. Pois, eu disse: “Dê-me dois pares delas.” Está vendo?

233 E voltei para casa, e eu disse: “Sabe, meu bem, vocês, mulheres vão pelas lojas por toda a cidade para achar preço barato.” Sabe como gosta de se gabar. E eu disse: “Mas aqui, olhe aqui, comprei dois pares pelo preço que você compra um par. Está vendo?” Eu disse: “Oh, essa—essa é minha habilidade pessoal.” Veja, eu disse—eu disse: “Sabe, Thelma me vendeu estas.” Eu disse: “Talvez ela me deixou comprá-las pela metade do preço.”

Ela disse: “Você comprou chiffon?”

234 Eu disse: “Sim, senhora.” Tudo isso parecia o mesmo para mim, eu não sabia que havia diferença.

235 E ela me disse, ela disse: “Billy.” Achei estranho quando ela chegou a Fort Wayne, ela teve que comprar outro par de meias. Ela disse: “Eu as dei para sua mãe,” disse, “elas são para mulheres mais velhas.” Disse: “Desculpe-me por fazer isso.”

E eu disse: “Oh, não tem problema, querida.”

236 E ela disse: “Agora, não—não viva solteiro.” E ela disse. . . Ela não sabia o que ia acontecer algumas horas depois. E segurei suas preciosas mãos enquanto os Anjos de Deus a levaram.

237 Fui para casa. Eu não sabia o que fazer. Eu me deitei lá à noite e ouvi. . . creio que foi um ratinho, estava na velha lareira onde tínhamos papéis lá dentro. E fechei a porta com o pé, e ali estava pendurado o quimono dela na parte de trás (e jazendo lá naquele necrotério). E depois de um pouco alguém me chamou, disse: “Billy!” E era o irmão Frank Broy. Ele disse: “Seu nenê está morrendo.”

Eu disse: “Meu nenê?”

238 Disse: “Sim, Sharon Rose.” Disse: “O médico está lá agora, e disse: ‘Ela tem meningite tuberculosa, ela pegou mamando da mãe.’” E disse: “Ela está morrendo.”

239 Entrei no carro, fui para lá. E lá estava ela, a doçura. E a levaram às pressas ao hospital.

240 Fui vê-lo, Sam subiu e disse: “Billy, não entre nesse quarto, você tem que pensar em Billy Paul.” Disse: “Ela está morrendo.”

Eu disse: “Doutor, eu—eu tenho que ver meu nenê.”

241 Ele disse: “Não, você não pode entrar.” Disse: “Ela tem meningite, Billy, e você levaria ao Billy Paul.”

242 E esperei até que ele saiu. Eu não estava aguentando vê-la morrer, e a mãe dela deitada lá na casa funerária. Vou lhe contar, o caminho do prevaricador é duro. E eu—eu fui, entrei de mansinho pela porta, e quando Sam saiu e a enfermeira saiu, desci ao porão. É um hospital pequenino. Ela estava num lugar isolado, e as moscas estavam em seus pequenos olhos. E tinham uma pequena. . . o que chamamos de “mosquiteiro,” ou redinha sobre seus olhos. E ela. . . com pequenos espasmos, sua perninha gorda mexia para cima e para baixo assim, e suas mãozinhas, com aquele espasmo. E olhei, e ela já era grandinha para ser engraçadinha, com cerca de oito meses.

243 E sua mãe a punha lá fora com roupa de três peças, você sabe, no jardim, quando eu chegava. E eu tocava a buzina, e ela fazia “gu-gu, gu-gu,” estendendo os bracinhos, você sabe.

244 E lá jazia minha querida, morrendo. Olhei para ela e disse: “Sharry, conhece o papai? Conhece o papai, Sharry?” E quando

ela olhou... Estava sofrendo tanto que um daqueles belos olhinhos ficou vesgo. Quase me arrancou o coração.

245 Eu me ajoelhei, disse: “Senhor, o que fiz? Não tenho pregado o Evangelho nas esquinas? Tenho feito tudo o que sei fazer. Não me condenes por isso. Nunca chamei aquele povo de ‘lixo.’ Foi ela que chamou aquele povo de ‘lixo.’” Eu disse: “Sinto muito que tudo isso aconteceu. Perdoa-me. Não—não leves meu nenê.” E enquanto eu orava, parecia que um preto... que um lençol ou pano desceu. Eu sabia que Ele me tinha recusado.

246 Agora, esse foi o tempo mais difícil e o mais traiçoeiro da minha vida. Quando me levantei e olhei para ela, e pensei... Satanás pôs em minha mente: “Pois, quer dizer que o tanto quanto você tem pregado, e como você tem vivido, e agora, quando se trata do seu próprio nenê, Ele recusa você?”

247 E eu disse: “Isso mesmo. Se Ele não puder salvar meu nenê, então não posso...” Parei. Eu—eu não sabia o que fazer. E então eu disse isto, disse: “Senhor, Tu a deste a mim e Tu a tomaste, bendito seja o Nome do Senhor! Se Tu lebares a mim, ainda Te amarei.”

248 E pus minha mão sobre ela, disse: “Deus abençoe, querida. Papai queria criar você, de todo o coração eu queria criá-la, e criá-la para amar ao Senhor. Mas os Anjos estão vindo para buscá-la, querida. Papai levará seu corpinho lá e o deitará nos braços da mamãe. Enterrarei você com ela. Algum dia papai se encontrará com vocês, você só espere lá em cima com mamãe.”

249 Quando a mãe dela estava morrendo, disse, últimas palavras que disse, ela disse: “Bill, fique no campo.”

250 Eu disse: “Eu...” Ela disse... Eu disse: “Se eu estiver no campo quando Ele vier, juntarei as crianças e nos encontraremos. Se não, serei enterrado ao seu lado. E você vá ao lado direito da grande porta, e quando vir todos entrar, fique em pé aí e comece a gritar: ‘Bill! Bill! Bill!’ o mais alto que puder. Eu me encontrarei com você lá.” Eu dei-lhe um beijo de despedida. Estou no campo de batalha hoje. Isso foi quase vinte anos atrás. Tenho meu encontro marcado com minha esposa, vou me encontrar com ela.

251 E levei o nenezinho, e quando morreu, e a pus nos braços da mãe, e a levamos lá ao cemitério. E fiquei lá para ouvir o irmão Smith, o pregador metodista que pregou no funeral: “Das cinzas às cinzas e do pó ao pó.” (E pensei: “Do coração ao coração.”) Lá se foi ela.

252 Não muito tempo depois, levei Billy Paul lá uma manhã. Ele era ainda pequenininho. Ele era...

253 É por isso que ele é apegado a mim e eu a ele, eu tinha que ser não só papai mas também mamãe (os dois) para ele. Eu pegava a mamadeirinha dele. Não tínhamos meios para fazer fogo de

noite para manter seu leite aquecido, e eu a colocava debaixo de minhas costas assim e a mantinha aquecida com o calor do corpo.

²⁵⁴ Nós nos apegamos como companheiros, e um dia destes quando eu sair do campo, quero entregar-lhe a Palavra e dizer: “Vai, Billy. Fique com Ela.” Algumas pessoas se perguntam por que sempre o tenho comigo. Não posso ficar sem ele. Ele está até casado, mas ainda me lembro que ela disse: “Fique com ele.” E somos apegados como companheiros.

²⁵⁵ Eu me lembro de andar pela cidade com a mamadeira debaixo do braço, ele começava a chorar . . . Uma noite estava . . . estávamos andando no quintal onde . . . (Quando ela estava para dar à luz a ele, ela estava sufocando, e eu . . . moça nova, sabe.) E eu andava de um lado para outro do velho carvalho no quintal. E ele chorava querendo a mamãe dele, e eu não tinha mamãe para quem levá-lo. E eu o carregava, dizia: “Oh, querido.” Eu disse . . .

²⁵⁶ Ele disse: “Papai, onde está minha mamãe? O senhor a pôs naquela terra?”

Eu disse: “Não, querido. Ela está bem, ela está lá no Céu.”

²⁵⁷ E ele disse algo ali uma tarde que quase me matou. Ele estava chorando, era tarde, ao entardecer, e eu o estava carregando nas costas *desse* jeito, carregando ele no ombro e dando palmadinhas *deste* jeito. E ele disse: “Papai, por favor, vá buscar mamãe e traga ela aqui.”

E eu disse: “Meu bem, não posso buscar mamãe. Jesus . . .”

Disse: “Pois, diga para Jesus mandar-me minha mamãe. Eu quero ela.”

²⁵⁸ E eu disse: “Pois, querido, eu . . . eu e você vamos vê-la algum dia.”

E ele parou, disse: “Papai!”

E eu disse: “Sim?”

Disse: “Vi mamãe lá em cima naquela nuvem.”

²⁵⁹ Que coisa, quase me matou! Pensei: “Que coisa! ‘Vi mamãe lá em cima naquela nuvem.’” Eu quase desmaiei. Abracei o pequenino ao meu peito *desse* jeito, e abaixei a cabeça e entrei.

²⁶⁰ Dias passaram. Não podia me esquecer disso. Tentava trabalhar. Não podia voltar para casa, não era mais um lar. E eu queria ficar. Não tínhamos nada senão aqueles velhos móveis arrebatados, mas era algo que ela e eu gostávamos juntos. Era um lar.

²⁶¹ E me lembro que um dia eu estava tentando trabalhar no serviço público. Eu tinha subido para arrumar um velho fio secundário, estava pendurado, era muito cedo, de manhã. E subi nessa cruz. (E não me conformava com aquele nenê. Eu podia entender a morte da minha esposa, mas a morte daquele nenê, tão pequeninha.) E eu estava lá, e estava cantando: “Na colina

lá longe, estava a velha e rude Cruz.” E as linhas primárias chegavam ao transformador e saíam às (você sabe) secundárias. E eu estava pendurado lá em cima nela. E aconteceu que olhei, e o sol estava saindo atrás de mim. E lá, minhas mãos estiradas, e o sinal daquela Cruz no—no lado do monte. Pensei: “Sim, foram meus pecados que O puseram aí.”

²⁶² Eu disse: “Sharon, meu bem, papai quer tanto ver você, meu bem. Como gostaria de segurar você em meus braços de novo, queridinha.” Eu fiquei fora de mim. Havia semanas. Tirei minha luva de borracha. Eram dois mil e trezentos volts correndo bem ao meu lado. Tirei minha luva de borracha. Eu disse: “Deus, lamento fazer isto. Sou covarde.” “Mas, Sharry, papai vai ver você e mamãe num minutinho.” Comecei a tirar minha luva, para pôr minha mão nesses dois mil e trezentos. Isso quebraria. . . Pois, você nem teria mais sangue em você. E assim eu—eu—eu comecei a tirar aquela luva, e algo aconteceu. Quando voltei a mim, eu estava sentado no chão com as mãos para cima *assim*, no rosto, chorando. Foi a misericórdia de Deus, ou eu não estaria tendo um culto de cura aqui, tenho certeza disso. Foi Ele protegendo Seu dom, não eu.

²⁶³ Arrumei as coisas para ir para casa. Parei, guardei as ferramentas. E voltei, disse: “Vou para casa.”

²⁶⁴ Chegando em volta da casa, peguei as cartas em casa, meio frio, e entrei. Tínhamos um cômodo pequeno, eu dormia numa caminha lá, e a geada chegando, e aquele fogão velho. Peguei as cartas e dei uma olhada nas cartas, e a primeira coisa foi a pequena poupança de Natal dela, oitenta centavos, “Senhorita Sharon Rose Branham.” Lá estava, tudo de volta.

²⁶⁵ Eu fui guarda florestal. Estendi a mão e tirei minha arma, a pistola, do coldre. Eu disse: “Senhor, eu—eu não consigo aguentar mais, eu—eu estou morrendo. Eu—eu estou tão atormentado.” Puxei o cão de pistola para trás, pus na minha cabeça, ajoelhado lá naquela caminha, naquele quarto escuro. Eu disse: “Pai nosso que estás nos Céus, santificado seja o Teu Nome. Venha o Teu Reino, seja feita a Tua vontade,” e enquanto tentava, e apertava aquele gatilho o mais que podia, eu disse: “assim na terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje.” E não disparava!

²⁶⁶ E pensei: “Ó Deus, estás acabando comigo? O que fiz? Tu nem me deixas morrer.” E joguei a pistola no chão, e ela disparou e atirou no quarto. E eu disse: “Deus, por que não posso morrer e sair disto? Não posso mais continuar. Tu tens que fazer algo por mim.” E eu caí e comecei a chorar lá em minha pequena, velha beliche suja.

²⁶⁷ E devo ter dormido. Não sei se eu estava dormindo ou o que aconteceu.

268 Sempre ansiei por estar no Oeste. Eu sempre quis um daqueles chapéus. Meu pai domava cavalos em seus dias de jovem, e eu sempre quis um daqueles chapéus. E o irmão Demos Shakarian me comprou um ontem, o primeiro assim que tenho, um daquele tipo de chapéu do oeste.

269 E pensei que estava descendo pela pradaria, cantando aquela canção: “Há uma roda quebrada na carroça, placa na fazenda: ‘Vende-se.’” E enquanto eu seguia, notei uma velha carroça, como um carroção de pradaria coberto com toldo, e a roda estava quebrada. Claro, isso representava minha família destruída. E à medida que me aproximei, olhei, e de pé estava uma—uma jovem muito bonita, tinha uns vinte anos, cabelos bem loiros e lisos, olhos azuis, vestida de branco. Olhei para ela, disse: “Como vai?” Continuei.

Ela disse: “Oi, papai.”

270 E virei para trás, disse: “Papai?” “Ora,” eu disse, “como, senhorita, pode... eu posso ser seu pai quando você tem a minha idade?”

271 Ela disse: “Papai, o senhor não sabe onde está.”

E eu disse: “O que quer dizer?”

272 Ela disse: “Aqui é o Céu.” Disse: “Na terra, eu era a sua pequena Sharon.”

“Pois,” eu disse, “meu bem, você ainda era nenezinho.”

273 Disse: “Papai, nenezinhos aqui não são nenezinhos, são imortais. Nunca ficam velhos ou nunca crescem.”

274 E eu disse: “Pois, Sharon, querida, você—você é uma moça bonita.”

Ela disse: “Mamãe está esperando o senhor.”

E eu disse: “Onde?”

Ela disse: “Lá em sua casa nova.”

275 E eu disse: “Casa nova?” Os Branhams não têm lugar fixo, não têm casas, eles... E eu disse: “Pois, eu nunca tive uma casa, querida.”

276 Ela disse: “Mas o senhor tem uma aqui em cima, papai.” Não quero ser sentimental, mas é tão real para mim. [O irmão Branham chora—Ed.] Quando começo a pensar nisso, tudo volta. Disse: “O senhor tem uma aqui, papai.” Sei que tenho uma lá, algum dia irei a ela. Ela disse: “Onde está Billy Paul, meu irmão?”

277 E eu disse: “Pois, eu o deixei na casa da Sra. Broy, há pouco.”

Disse: “Mamãe quer ver o senhor.”

278 E virei-me e olhei, e havia palácios muito grandes, e a Glória de Deus subindo em volta deles. E ouvi um coro angelical cantando: “Meu Lar, doce Lar.” Comecei a subir uma escada

longa, correndo o mais rápido que podia. E quando cheguei à porta, lá estava ela em pé, vestida de branco, aqueles cabelos pretos e longos caídos nas costas. Ela levantou os braços, como sempre fazia quando eu voltava para casa cansado do trabalho ou de algo. Peguei-a pela mão, e eu disse: “Meu bem, vi Sharon lá embaixo.” Eu disse: “Ela se tornou uma moça bonita, não é?”

²⁷⁹ Ela disse: “Sim, Bill.” Ela disse: “Bill.” Pôs os braços em volta de mim, (e disse) nos meus ombros, ela começou a me afagar, disse: “Pare de se preocupar comigo e com a Sharon.”

Eu disse: “Meu bem, não posso evitar.”

²⁸⁰ Ela disse: “Agora, Sharon e eu estamos melhor do que você.” E disse: “Não se preocupe mais conosco. Você me promete?”

²⁸¹ E eu disse: “Hope,” disse, “tenho sentido muita falta de você e da Sharon, e Billy chora sempre por você.” Eu disse: “Não sei o que fazer com ele.”

²⁸² E ela disse: “Tudo ficará bem, Bill.” Disse: “Apenas prometa-me que não se preocupará mais.” E ela disse: “Não quer sentar?” E olhei em volta e ali estava uma poltrona muito grande.

²⁸³ E me lembro que tentei comprar uma poltrona. Agora, terminando. Tentei comprar uma poltrona uma vez. Nós só tínhamos aquelas velhas—velhas cadeiras comuns com assentos de madeira daquele jogo de cozinha. Tínhamos que usá-las, as únicas que tínhamos. E pudemos comprar uma destas poltronas que inclina para trás, como um. . . Eu me esqueci que tipo era a poltrona de descanso. E custou dezessete dólares, e podia-se pagar três dólares de entrada e um dólar por semana. E compramos uma. E, oh, quando eu chegava. . . Trabalhava o dia todo e pregava até à meia-noite pelas ruas e onde eu pudesse pregar.

²⁸⁴ E—e um dia atrasei as prestações. Não conseguíamos pagar, e os dias passaram, até que um dia vieram e pegaram minha poltrona e a levaram. Aquela noite, nunca esquecerei, ela fez uma torta de cereja para mim. Coitadinha, ela—ela—ela sabia que isso me deixaria desapontado. E depois do jantar, eu disse: “Por que você está tão boazinha hoje, meu bem?”

²⁸⁵ E ela disse: “Olhe, pedi para os meninos da vizinhança pegarem minhocas para você. Não acha que deveríamos descer ao rio e pescar um pouco?”

E eu disse: “Sim, mas. . .”

²⁸⁶ E ela começou a chorar. Eu sabia que havia algo errado. Eu imaginei porque já tinham mandado um aviso para mim que viriam buscá-la. E não estávamos conseguindo pagar um dólar por semana. Não podíamos. . . não tínhamos como. Ela me abraçou, e fui à porta e minha poltrona não estava ali.

Ela me disse Lá em cima, ela disse: “Lembra-se daquela poltrona, Bill?”

E eu disse: “Sim, meu bem, me lembro.”

Disse: “Era nisso que você estava pensando, não era?”

“Sim.”

²⁸⁷ Disse: “Pois, não vão levar esta, esta já está paga.” Ela disse: “Sente-se só um minuto, quero falar com você.”

E eu disse: “Meu bem, não entendo isto.”

²⁸⁸ E ela disse: “Prometa-me, Billy, prometa-me que você não se preocupará mais. Você vai voltar agora.” E disse: “Prometa-me que não se preocupará.”

E eu disse: “Não posso fazer isso, Hope.”

²⁸⁹ E bem naquela hora voltei, estava escuro no quarto. Olhei em volta, e senti o braço dela em volta de mim. Eu disse: “Hope, você está aqui no quarto?”

²⁹⁰ Ela começou a me afagar. Ela disse: “Você vai me prometer, Bill? Prometa-me que não vai casar. . . preocupar-se mais.”

Eu disse: “Eu lhe prometo.”

²⁹¹ E então quando, ela me afagou duas ou três vezes, e desapareceu. Eu me levantei e acendi a luz, olhei por toda a parte, ela tinha desaparecido. Mas ela só desapareceu do quarto. Ela não está morta, ainda está viva. Ela era uma cristã.

²⁹² Billy e eu fomos à sepultura aqui um tempo atrás, levando uma pequena flor para a mãe e irmã dele, numa manhã de Páscoa, e paramos. O menino começou a chorar, ele disse: “Papai, minha mamãe está ali embaixo.”

²⁹³ Eu disse: “Não, querido. Não, ela não está ali embaixo. A irmã não está ali embaixo. Temos uma sepultura fechada aqui, mas longe, do outro lado do mar, há uma sepultura aberta onde Jesus ressuscitou. E algum dia Ele virá, trará a irmã e a mamãe com Ele.”

²⁹⁴ Estou no campo de batalha hoje, amigos. Eu—eu não consigo dizer mais nada. Eu. . . [O irmão Branham chora—Ed.] Deus os abençoe. Vamos inclinar a cabeça um minuto.

²⁹⁵ Ó Senhor! Muitas vezes, Senhor, tenho certeza que as pessoas não entendem, quando pensam que estas coisas vêm facilmente. Mas há um grande dia que virá quando Jesus voltará e todos estes pesares serão tirados. Eu rogo, Pai Celestial, que nos ajude a estar preparados.

²⁹⁶ E aquela última promessa, quando a beijei na face naquela manhã, que me encontraria com ela naquele dia. Creio que ela estará em pé naquele posto, clamando o meu nome. Tenho vivido fiel àquela promessa desde aquele tempo, Senhor, em volta do mundo, em todos os tipos de lugares, tentando trazer o Evangelho. Ficando velho agora, e cansado, estou desgastado. Um dia destes vou fechar esta Bíblia pela última vez. E, Deus, mantém-me fiel à promessa. Mantém a Tua misericórdia em

volta de mim, Senhor. Permite que eu não olhe para as coisas desta vida, mas viva para as coisas que estão além. Ajuda-me a ser honesto. Eu não peço por um mar de rosas, não, Senhor, quando meu Cristo morreu lá debaixo de sofrimento. E todo o resto deles morreram assim. Não peço nada fácil. Só deixa-me ser honesto, Senhor, verídico. Deixa o povo amar-me para que eu possa guiá-los a Ti. E algum dia quando tudo estiver acabado e nos reunirmos debaixo dos pinheiros, quero pegá-la pela mão e levá-la, para mostrar ao povo do Templo Angelus e a todos os outros. Será uma ocasião maravilhosa então.

²⁹⁷ Rogo que Tuas misericórdias descansem sobre cada um de nós aqui. E aqueles que estão aqui, Senhor, talvez nem Te conheçam. E talvez tenham um pequeno ente querido além do outro lado do mar. Se nunca cumpriram a promessa deles, que façam agora, Senhor.

²⁹⁸ Enquanto estamos de cabeça inclinada, será que neste grande, enorme auditório esta tarde, quantos de vocês diriam: “Irmão Branham, quero me encontrar com meus amados também. Eu—eu—eu tenho uns entes queridos logo do outro lado do rio”? Talvez você fez a promessa que se encontraria com eles, talvez quando você se despediu da mamãe lá na sepultura aquele dia, talvez quando você se despediu da irmãzinha, ou do papai, ou de um deles na sepultura, prometeu que se encontraria com eles, e você—você não se preparou ainda. Você não acha que agora é uma boa hora para fazer isso?

²⁹⁹ Perdoe-me por chorar. Mas, oh, que coisa, você não compreende, amigo. Você não sabe que—que sacrifício! Esta é uma parte pequenina da história da minha vida.

³⁰⁰ Quantos de vocês gostariam de levantar-se agora e vir até aqui para oração, dizer: “Quero me encontrar com meus amados?” Levante-se da audiência e desça até aqui. Quer vir? Se alguém não fez essa preparação ainda. Deus o abençoe, senhor. Vejo um velho de cor vindo, outros vindo. Mova-se, você na galeria aí em cima, saia ao corredor. Ou levante-se, você que quer ser lembrado numa palavra de oração agora mesmo. Isso mesmo. Levante-se mesmo. Isso é bom. Levante-se, em toda parte, você que diria: “Tenho um pai lá, tenho uma mãe ou um amado lá. Quero ir vê-los. Quero me encontrar com eles em paz.” Quer se levantar? Coloque-se em pé em qualquer parte da audiência. Coloque-se em pé, diga: “Quero aceitar.”

³⁰¹ Deus a abençoe, senhora. Deus abençoe você lá atrás. E abençoe você lá em cima. O Senhor o abençoe aqui, senhor. É assim mesmo. Em cima, na galeria, o Senhor abençoe você. Por toda a parte, em toda parte, levante-se agora para receber uma palavra de oração, enquanto o Espírito Santo está aqui e movendo-Se sobre nossos corações, para—para—para nos quebrantar.


³⁰² Sabe, o que a igreja precisa hoje é de um quebrantamento. Precisamos ir à Casa do Oleiro. Nossa inflexível teologia feita em casa às vezes não funciona tão bem. O que precisamos é de um quebrantamento à moda antiga, arrependimento em nossos corações, abrandando-nos com Deus. Esses são todos os que agora estão prontos a se levantar?

Inclinemos a cabeça então para oração.

³⁰³ Ó Senhor, que ressuscitou Jesus para os . . . dos mortos, para justificar a todos nós pela fé, crendo. Rogo, Senhor, que estes que estão em pé agora para Te aceitar, rogo que para eles seja o perdão. E, ó Senhor, rogo que Te aceitem como Salvador e Rei e quem os ama, e talvez tenham uma mãe ou um pai ou alguém logo do outro lado do mar. Há uma coisa que é certa, eles têm um Salvador. Que sejam perdoados de seus pecados e toda sua iniquidade apagada, que suas almas sejam lavadas no Sangue do Cordeiro e que vivam em paz de hoje em diante.

³⁰⁴ E um dia glorioso, quando tudo estiver acabado, que nós nos reunamos em Tua Casa, e estejamos lá como famílias inteiras, para nos encontrarmos com nossos amados que estão esperando do outro lado. Isto . . . Nós os entregamos a Ti, pelo que “Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme Nele.” Concede, Senhor. E os entregamos a Ti, em Nome de Teu Filho, o Senhor Jesus. Amém.

³⁰⁵ Deus os abençoe. Tenho certeza que os obreiros veem onde você está e estarão com você num minuto.

³⁰⁶ E agora, àqueles que vão receber cartão de oração. Billy, onde estão Gene e Leo, estão na parte de trás? Eles estão aqui para entregar os cartões de oração dentro em pouco. O irmão despedirá a audiência em oração e os cartões de oração serão entregues. Estaremos de volta aqui em breve para orar pelos enfermos. Muito bem, irmão. 

A HISTÓRIA DA MINHA VIDA POR59-0419A
(My Life Story)

Esta Mensagem foi originalmente pregada em inglês pelo irmão William Marrion Branham, no dia 19 de abril de 1959, domingo à tarde, no Templo Angelus, em Los Angeles, Califórnia, E.U.A., cuja transcrição foi feita de gravação em fita magnética e impressa na íntegra em inglês. Esta tradução ao português foi impressa e distribuída por Gravações “A Voz de Deus.”

PORTUGUESE

©2022 VGR, ALL RIGHTS RESERVED

GRAVAÇÕES “A VOZ DE DEUS”
P.O. Box 950, JEFFERSONVILLE, INDIANA 47131 E.U.A.
www.branham.org

Todos os direitos são reservados

Este livro poderá ser impresso em sua residência para uso pessoal ou para ser distribuído gratuitamente como ferramenta para difundir o Evangelho de Jesus Cristo. Este livro não poderá ser vendido ou usado para angariar fundos. Também não poderá ser reproduzido em quantidade, postado em websites, armazenado em sistemas de recuperação, traduzido para outras línguas, sem a autorização expressa da Voice Of God Recordings®.

Para mais informações ou para requisitar outros materiais disponíveis, favor entrar em contato com:

VOICE OF GOD RECORDINGS
P.O. Box 950, JEFFERSONVILLE, INDIANA 47131 U.S.A.
www.branham.org